

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

EMERSON ROBERTO DE ARAUJO PESSOA

**A construção de corpos e feminilidades:** travestis e transexuais para  
além da prostituição

MARINGÁ

2013

EMERSON ROBERTO DE ARAUJO PESSOA

**A construção de corpos e feminilidades: travestis e transexuais para  
além da prostituição**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Sociedade e Políticas Públicas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zuleika de Paula Bueno.

Coorientadora: Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Sebeika

MARINGÁ

2013

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)**

P475c Pessoa, Emerson Roberto de Araújo.  
A construção de corpos e feminilidades: travestis e transexuais para além da prostituição/ Emerson Roberto de Araújo Pessoa. - Maringá, 2013.  
94 f.

Orientador: Prof.a. Dr.a. Zuleika de Paula Bueno.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013.

1. Travestis e transexuais - Corporalidade. 2. Travestis e transexuais - Feminilidade. 3. Travestis e transexuais - Trajetória de vida. 4. Travestis e transexuais - Educação escolar. 5. Travestis e transexuais - Atuação profissional - Prostituição. I. Bueno, Zuleika de Paula, orient. II. Sebeika, Eliane, coorient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. IV. Título.

CDD 22. ED.305.9066

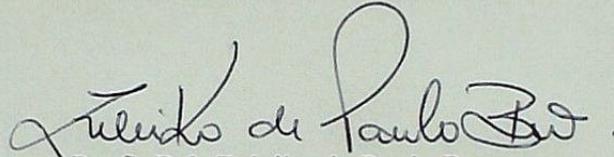
JLM-001042

EMERSON ROBERTO DE ARAUJO PESSOA

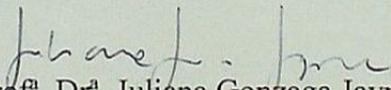
**A construção de corpos e feminilidades:** travestis e transexuais para além da prostituição

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

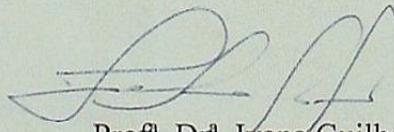
COMISSÃO JULGADORA



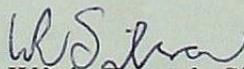
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Zuleika de Paula Bueno  
Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Juliana Gonzaga Jayme  
Pontifícia Universidade Católica (PUC-MG)



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ivana Guilherme Simili  
Universidade Estadual de Maringá



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Wânia Rezende Silva  
Coordenadora do PGC

Aprovada em: 12 de abril de 2013

Local de defesa: Bloco H-35, sala 007, *campus* da Universidade Estadual de Maringá

Às/Aos incorrigíveis, excluídas (os), marginalizadas (os),  
estigmatizadas (os), patologizadas (os) e subversivas (os)  
dos corpos, dos sexos e dos gêneros.

Em memória de Cícera Araújo, “minha vovó”.

## AGRADECIMENTOS

Seria impossível realizar esta dissertação sem a colaboração de inúmeras pessoas que passaram por minha vida. Aos que não forem citados, deixo-lhes os meus sinceros agradecimentos, uma vez que eles também foram imprescindíveis para a concretização deste trabalho.

Sou eternamente grato a minha mãe por ser o meu primeiro exemplo de mulher, a ela devo muito do que sou e do que não sou. Obrigado por ouvir as minhas inquietações, mesmo quando muitas delas não tinham como ser compreendidas, só de escutá-las você já me ensinou o bastante. Obrigado por sempre acreditar em mim, inclusive nas vezes que deixei de ter autoconfiança.

Pesquisar consiste sempre em um trabalho solitário e doloroso, por inúmeras vezes tive dúvidas e hesitações. No entanto, desde que iniciei a minha vida acadêmica você esteve ao meu lado: Obrigado Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivana Simili pelos ensinamentos, pela amizade e pela atenção. Obrigado pelas valorosas contribuições no decorrer desta dissertação. Obrigado por ser minha “mãe intelectual”.

À minha orientadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Zuleika de Paula Bueno por aceitar o convite de orientação, pelas discussões e sugestões no processo de escrita da dissertação e, principalmente, pela compreensão em todo o percurso da pós-graduação.

À coorientadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eliane Sebeika pelas profícuas e prazerosas conversas no decorrer da pesquisa. Obrigado pela paciência e pela aprendizagem passada no decorrer deste trabalho.

Aos comentários e sugestões na banca de qualificação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Simone Costa.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Juliana Gonzaga Jayme e a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Larissa Maués Pelúcio por aceitarem o convite de banca na defesa da dissertação e pelas valorosas sugestões e comentários inspiradores.

Aos professores da Pós Graduação em Ciências Sociais (PGC-UEM), Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marivânia Araujo, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carla Almeida, Prof. Dr. Ednaldo Ribeiro pelas contribuições em todas as etapas da obtenção dos créditos.

À Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Patrícia Lessa pelas conversas e discussões ao longo da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Willian Siqueira Peres pelo diálogo e sugestões no decorrer da II Jornada arte, gêneros e processos de subjetivação.

À Carla Amaral por ter colaborado imensamente na procura de trans que atendessem o recorte dessa pesquisa.

A burocracia nos traz sempre muitas dificuldades, eu tive a sorte de ter como amigo o secretário Fernando Junior, muito obrigado por toda a sua ajuda.

Aos professores da graduação em Ciências Sociais Prof<sup>ra</sup> Dr<sup>a</sup> Eide Sandra Abreu, Prof. Dr. Prachedes e Prof. Dr. Antônio Ozaí pelas inquietações passadas no decorrer da graduação. Serei eternamente grato.

Ao apoio de minha família, em especial as (os) minhas (meus) tias (os): Tereza, Nila, Wilson, Nelci e as (os) primas (os) Jennifer, Ragner, Eliana, Luciana, Adilson, Marcelo, Tiago e minha irmã Liziane.

Amigos são irmãos que escolhemos, eu tenho a sorte de ter conquistado inúmeros na trajetória até aqui. Aos amigos de Paulicéia-SP: Renata Devóglio, Beth Devóglio e Raymundo Magalhães pelos anos de amizade fraterna e pelo apoio incondicional. Ao Marcelo pelo curto tempo de convivência e por tornar-se também um amigo especial. À Aline Vilar e ao Cleisson Cara pela amizade fraterna.

Aos amigos do Oeste Paulista pelos anos de companheirismo e pelas produtivas conversas: Mauro Dela Bandera, Elder Ribas, Diego Scalada, Cintia Damasceno, Renan Buchini, Nicolau Dela Bandera, João Paulo Russo, Rachel Rezende, Jaqueline Ribas, Alexandre Falcão, Rodrigo Simão, Juliana Mota e Lílian Falcão.

As infindáveis conversas, sugestões e discussões com Gustavo Piovesan, Joyce Shimura, Michel Nocchi, Franciele Scoptec, Rodrigo Casteleira, Daliana Antônio e Paula Jokura.

Aos cuidados e ao carinho de Andressa Modolo; às longas discussões com Leandro Modolo; ao ombro amigo de Camila Peruchi; à atenção de Gabriela Falchetti; às diferenças latentes de Celso Monteiro; ao apoio de Marcela Peregrino e Marina Orfei; à paciência e amizade de Andressa Andrieli do Carmo e Andrey Westphal no ensino da língua inglesa e ao meu “sobrinho Joca”.

Aos amigos da graduação por terem divididos comigo a formação em Ciências Sociais: Enila Santana, Alex Willian Leite, Carla Ayres, Vanessa Lança, Tiago Ramos, Thais Zago, Maria Santana, Eliane Oliveira, Aloysio Santos Bischoff, Laís Fuzeto, Luíz Alexandre, Gustavo Corral, Rodolfo Sanches, João Vicente Lins, André, Paulo e Eduardo.

Ao apoio recebido pelos amigos do mestrado, Felipe Fontana, Angélica Ripari, Tássia Idalgo, Ana Carolina Torrente, Fernanda Vallota, Cleumary Soletti Pereira e Josimar Priori.

Ao Jhonatan Perin pela paciência e pelo apoio nos momentos decisivos de escrita da dissertação.

Nestes anos estudando as fabricações de corpos trans, eu também me transformei. Sou imensamente grato a todas as *drag queens*, travestis e transexuais que compartilharam suas vidas comigo e deslocaram o meu modo de ver e pensar o mundo. Obrigado Hadja, Daffny, Jenny Possible, Roberta Star, Jennyfer, Asahi, Rafaela, Gabi, Ruana e Paula.

*Agradecimentos especiais à Clarisse, Silmara, Bianca, Adriana, Juliana e Aline por terem dividido suas trajetórias de vida para escrita dessa dissertação e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.*

*“As representações do corpo, e os saberes que as alcançam, são tributários de um estado social, de uma visão de mundo, e, no interior desta última, de uma definição da pessoa. O corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si. Donde a miríade de representações que procuram conferir-lhe um sentido, e seu caráter heteróclito, insólito, contraditório, de uma sociedade a outra.”*

(BRETON, 2011, p. 18).

**A construção de corpos e feminilidades:** travestis e transexuais para além da prostituição.

### **RESUMO**

Esta pesquisa tem como foco compreender a construção de corporalidade e feminilidade por travestis e transexuais que não participam do mercado do sexo. Por meio da História Oral, foi investigado como as tecnologias médicas (hormônios e silicone), indumentárias e acessórios são utilizados na produção da visualidade feminina pelas trans. O objetivo do trabalho foi mensurar as diferenças existentes entre o grupo pesquisado e a bibliografia antropológica brasileira pautada nas travestis e transexuais profissionais do sexo. Os resultados possibilitaram entender as relações entre as trajetórias de vida das entrevistadas, com o apoio familiar, a conclusão da educação escolar e a atuação profissional para além da prostituição. As biotecnologias colaboram na produção da subjetividade feminina e autoimagem positiva de si mesmas. A produção das corporalidades e feminilidades se realizam por meio da interiorização das visões sobre o feminino que permeiam a experiência de vida das trans. Portanto, não existe um único modo de construir esses atributos, há, mais precisamente, uma série de fatores que se constituem através dos hábitos. Os capitais cultural, econômico e o discurso médico-científico colaboram para a produção dessas subjetividades. Notou-se, deste modo, uma construção corporal não voltada exclusivamente aos modelos corporais hegemônicos. Assim, tais trajetórias de vida evidenciam novas configurações das corporalidades trans.

**Palavras-chave:** travestis, transexuais, corporalidades, gênero e feminilidades.

**The feminilities and bodies construction: transvestities and transsexuals beyond prostitution.**

**ABSTRACT**

This research aims to understand the embodiment and femininity's construction developed by transvestites and transsexuals who do not take part in the sex market. Through Oral History, it was researched how medical technologies (silicones, hormones), as well as apparel and other accessories are used on femininity production by trans-individuals. The objective of this work was to measure the differences between the researched group and the Brazilian anthropological bibliography. The results enabled to understand the social relations of the researched group's life trajectory. These relations implicate some aspects like familiar support, secondary school completion and the professional performance which does not involve the sex market. The biotechnologies contribute to the production of feminine subjectivity and their positive self-image. The embodiment's constructions and femininities are carried out through an internalization of feminine view which permeates trans-individual's life experience. Therefore, there is not only one specific way of building these traits; for, they are developed through habits. The cultural and economical capitals, as well as scientific-medical speech contribute to the production of these subjectivities. Thus, a corporeal construction was noticed directed not only to hegemonic models. This way, such trajectories of life demonstrate new configurations of trans-corporeality.

**Keywords: travestis (transvestites), transsexuals, embodiments, gender and femininities.**

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	14
As pesquisas e a pesquisa: conhecendo <i>drag queens</i> , travestis e transexuais. ....	14
E as ciências sociais com isso? .....	15
<b>A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: DOS CORPOS, SEXUALIDADES E A METODOLOGIA</b> .....	23
A história da sexualidade e a docilização dos corpos.....	23
Como pensei os corpos trans: história oral como metodologia de pesquisa.....	29
As entrevistas: estabelecendo laços de amizade.....	36
<b>OS CORPOS FALAM: CONSTRUINDO CORPORALIDADES E DESESTABILIZANDO OS GÊNEROS</b> .....	45
Meu corpo, minha identidade: trajetórias e produção de subjetividades.....	45
Como fabricar um corpo trans: indumentárias na produção de corporalidades e feminilidades.....	54
Os hormônios e o silicone: “construindo o corpo dos meus sonhos.”.....	63
Transformando a intimidade corporal: a cirurgia de redesignação sexual. ....	72
Estigma e preconceito: “uma palavra que resume uma trans é força”.....	75
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	86
<b>ANEXOS</b> .....	91
Anexo 1: Roteiro das entrevistas .....	91
Anexo 2: Termo de consentimento livre e esclarecido.....	92
Anexo 3: Foto do workshop.....	94

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

### **As pesquisas e a pesquisa: conhecendo *drag queens*, travestis e transexuais.**

Em minha graduação, realizei duas iniciações científicas com transgêneros, a primeira sobre construções de feminilidades pelas *drag queens*, no ano de 2008/2009; e, a segunda, sobre corporalidades e feminilidades das travestis, no ano de 2009/2010. No início do mestrado, o meu objetivo era desenvolver uma pesquisa sobre as construções de travestilidades, tendo como recorte a cidade de Maringá –PR. No entanto, sentia certo desconforto em continuar com uma discussão já tão abordada pelos estudos de gênero: travestis e prostituição. Meus receios aumentaram ao ler o livro “Toda feita”, de Marcos Benedetti (2005). O foco nas problemáticas de como travestis fabricavam os seus corpos, trouxe mais insatisfação com o meu tema, pois esse era o meu principal interesse no desenvolvimento da dissertação. Gostaria de desenvolver algo novo e isso se tornava cada vez mais distante.

Porém, por já ter realizado incursões no campo de investigação sobre travestilidades - algo que me possibilitou entrar em contato com um número considerado de sujeitos - , comecei a pensar nas possibilidades de temas, tendo como ponto de partida os transgêneros com as quais tinha contato. Na iniciação científica de 2009/2010, eu havia entrevistado Aline, transgênero nascido em minha cidade natal, Paulicéia- SP. Na época, ela cursava a graduação em moda e apesar da relação com a família ter tido alguns desconfortos, esta continuava oferecendo apoio financeiro e afetivo. Conheci também Clarisse, mãe de santo da cidade de Maringá, que também não realizava programas.

Em 2011, entrei em contato com o Transgrupo Marcela Prado. O grupo com sede em Curitiba-PR tem como principal finalidade promover a cidadania, cultura, educação e saúde, além dos direitos humanos de travestis e transexuais. Em outubro deste mesmo ano, participei do III Workshop Geração Trans, encontro organizado pelo Transgrupo com o objetivo de promover discussões sobre a cidadania plena de travestis e transexuais, com a participação de educadores, pesquisadores, profissionais da área da saúde, da área jurídica e pessoas trans. Foi por meio deste encontro que conheci Adriana, transexual que atua como professora na rede estadual de educação.

Após o *Workshop*, refletindo sobre as histórias de vida de Aline, Clarisse e Adriana, conversando com amigos e professores, optei por um novo recorte no meu objeto de pesquisa: analisar as construções de corporeidades e feminilidades das travestis e transexuais que não

participam do mercado do sexo. Este tema resolvia os meus desconfortos em relação a “algo pouco discutido”, porém outro problema veio à tona: onde encontrar sujeitos que atendessem a este novo recorte? A solução ocorreu conversando por telefone com Carla Amaral, presidente do Transgrupo Marcela Prado, uma vez que ela tinha em mãos os cadastros do transgrupo, e disponibilizou-me uma lista de sujeitos que atendiam ao meu novo olhar. Apesar de ter conseguido nove telefones, entrei em contato apenas com Bianca e Juliana. Clarisse também me ajudou apresentando Silmara, sua amiga de longa data e com história de vida semelhante.

Nesse ínterim, a pesquisa buscou destacar os indivíduos que não participam atualmente do mercado do sexo, escolha analítica influenciada principalmente devido às minhas incursões no campo e à bibliografia existente. Notei no decorrer de meus estudos, que, raríssimas vezes as pesquisas em Ciências Sociais abordaram as travestis e as transexuais não envolvidas na prostituição. Acredito que este fato reside principalmente nas dificuldades de contato e por passarem despercebidas no convívio social. Outro ponto que merece destaque diz respeito ao saber do senso comum, que amiúde relaciona as experiências desses sujeitos<sup>1</sup> à prostituição. Assim, o que me motiva é mostrar uma realidade ainda pouco abordada pelos estudos acadêmicos, tendo como principal objetivo a diminuição do preconceito e o rechaço social a este grupo.

### **E as ciências sociais com isso?**

As ciências sociais, principalmente a antropologia, no decorrer de sua efetivação no interior das ciências humanas, produziram inúmeros estudos sobre a construção dos corpos e das aparências dos sujeitos sociais. O desenvolvimento de tais estudos mostrou que a provisoriade é uma característica essencial do mesmo, possibilitando compreender as diferentes formas de lidar com o corpo e as diferentes técnicas de transformação. Marcel Mauss, por exemplo, em 1939, mostrava as infinitas possibilidades de vivenciar as corporalidades de acordo com cada cultura e fases da vida.

Tais estudos apontaram que estamos sujeitos à corrupção, desenvolvemos intervenções, tecnologias corporais, cada cultura à sua maneira. Formamos normas e condutas, não apenas intervenções materiais. Assim, tornamo-nos reféns de aspectos morais, reféns de representações de corpos (GOELLNER, 2003). Por conseguinte, através dos processos culturais, definimos o que é (ou não) natural; produzimos e transformamos a natureza e, conseqüentemente, conferimos a tais processos uma condição histórica. Os corpos ganham significados socialmente (LOURO 2007).

---

<sup>1</sup> Utilizo o termo sujeito para reforçar uma postura metodológica pautada no diálogo. As relações entre eu e as entrevistadas desta pesquisa partiu de uma relação horizontal, onde aprendi e ensinei. (Bosi, 1994)

As inscrições de gênero masculino e feminino nos indivíduos, as possibilidades de viver a sexualidade, a maneira de expressá-la são socialmente estabelecidas e pautadas por uma ideologia dominante. As identidades de gênero e sexuais são compostas e definidas através das relações sociais que são formadas a partir das redes que implicam poder (FOUCAULT, 1988). No decorrer do século XX, com o desenvolvimento da medicina e da moda, múltiplos são os sujeitos que vivenciam suas corporalidades quebrando com a postura hegemônica. Esse fato possibilitou o surgimento de novas formas de vivenciar o corpo e as aparências na sociedade ocidental, e permitiu ainda construir novas identidades e grupos sociais.

Um exemplo claro deste processo de construção de novas corporalidades são as travestis e transexuais. Nesta dissertação utilizarei o termo trans<sup>2</sup> quando for necessário referenciar o grupo composto por travestis e transexuais. A principal diferença entre essas duas identidades, grosso modo, seria o desejo ou não de passar pela cirurgia de redesignação sexual, objetivo este buscado pelas transexuais e não almejado pelas travestis. Berenice Bento (2006) realiza considerações importantes para entender a construção da identidade transexual. Apesar da cirurgia ser um divisor de águas entre travestis e transexuais, a autora nos mostra em “A reinvenção do corpo” que nem todas as transexuais buscam o procedimento cirúrgico. Segundo ela

[...] não é a orientação sexual que os iguala, tampouco uma concepção única de gênero, e, ainda, sob esse guarda-chuva chamado “transexual” encontramos pessoas que reivindicam o direito à identidade de gênero sem cirurgia. Essas questões (corpo, orientação sexual, questões legais) propiciam que sejam articulados pontos de unidade que só ganham uma maior consistência quando se abre espaço para a fala, para a comunicação de dores e exclusões. (BENTO, 2006a, p. 26).

As discussões atuais sobre as identidades de travestis e transexuais é um dos temas em discussão dentro dos estudos identitários e de gênero, suas dificuldades repousam principalmente na tentativa de enquadramento conceitual desses sujeitos. Porém, é sabido atualmente que tentar definir identidades que são construídas na ambiguidade e na fluidez dos gêneros e dos corpos não é uma tarefa fácil.

A criação de uma nomenclatura para se referir às travestis e transexuais foi um dos primeiros problemas que tive de enfrentar. No desenvolvimento da iniciação científica (2009-2010),

---

<sup>2</sup> Segundo o site da Associação Brasileira de Transgêner@s (ABRAT) esses sujeitos se definem como “identidades de gênero não-conformes ao binômio masculino-feminino referindo-se, assim, a pessoas que apresentam condutas ou estilos de vida que ultrapassam os limites socialmente estabelecidos e aceitos para o gênero em que foram enquadradas ao nascer, em função do seu sexo biológico.” O termo trans também é utilizado para definir os transexuais masculinos, ou seja, pessoas do sexo biológico feminino que constroem uma corporalidade e um gênero masculino.

entrevistei alguns sujeitos que se identificavam como travestis, porém, no segundo contato para a realização de entrevistas visando esta dissertação de mestrado, uma delas passou a identificar-se pela categoria identitária de transexual. Este fato foi igualmente notado pela pesquisadora Dayana Santos (2010) em sua dissertação de mestrado ao compor um grupo de discussão com 3 travestis e 7 transexuais que, ao termino da sessão, uma delas passou a definir-se como transexual.

Assim, a solução encontrada por mim ocorreu quando participei do III Work Shop Geração Trans. Os indivíduos participantes do Movimento Social se auto-identificavam como sujeitos trans, inclusive esta é uma das bandeiras atuais do movimento: o reconhecimento de travestis, transexuais femininos e masculinos como mulheres e homens trans. Deste modo será a nomenclatura adotada para me referir às travestis e transexuais, no intuito de propiciar uma maior aproximação do discurso dos sujeitos e aos meus objetivos de análise que serão desenvolvidos ainda neste capítulo.

Os sujeitos trans se definem como pessoas do sexo biológico masculino ou feminino que, por meio de cirurgias plásticas e/ou ingestão de hormônios e/ou utilização da indumentária constroem aparências e corporalidades que se opõem ao sexo de nascimento. Ao realizar tais modificações, estes sujeitos contrapõem os nossos ideais de masculino e feminino baseados na reprodução esquemática do binarismo sexo e gênero. Onde, por exemplo, um corpo com pênis, deve desempenhar um gênero masculino e ter seu desejo orientado para as mulheres.

Precisamos deixar claro que o universo trans é habitado por inúmeros sujeitos que transformam os seus corpos em busca de uma aparência e um gênero que quebra com a postura hegemônica. Travestis, transexuais, *drag queens/drag kings*, *crossdressing* e transformistas são algumas das identidades que fazem parte desse universo. Nas reflexões de Araujo Junior (2006), encontrei o suporte para pensar os sujeitos desse estudo, o autor, ao pesquisar as travestis de Londrina, chegou à seguinte conclusão:

[...] não é definir o que seria um travesti a partir da pergunta ‘*o que é*’, de tom metafísico, em busca de um *significado* fixo e invariável, uma essência tão cara ao determinismo biológico. Muito pelo contrário, já que as próprias travestis são construídas na ambiguidade, na incerteza e na pluralidade.” (ARAUJO JUNIOR, 2006, p.31).

É deste modo que vou problematizar a experiência trans. Não pretendo criar verdades inquestionáveis sobre estes sujeitos, e sim pensar as suas contribuições para entender a relação entre corpo e gênero.

No final da década de 60 e início de 70 começam a surgir as primeiras organizações de transexuais nos EUA. Em 1990, o movimento toma corpo e consegue incluir suas demandas sociais junto às organizações de gays e lésbicas (SIMÕES; FACCHINI, 2009). No Brasil, as discussões sobre travestilidades<sup>3</sup> e transexualidades começam a tomar o campo do saber acadêmico também na década de 1990, devido principalmente à expansão dos debates feministas e de gênero.

Helio Silva (1993) figurou como um dos pioneiros na abordagem do tema devido à produção de uma etnografia sobre as experiências das travestis que vivem no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro. Silva (1993) elaborou um texto cujo objetivo era expandir o debate recluso aos guetos, levando informações aos leigos e ao público não especializado. Seu principal escopo na elaboração do texto foi o de levantar algumas hipóteses e cogitações sobre o tema da travestilidade, por meio da narrativa de histórias contadas pelos sujeitos em seus onze meses de pesquisas de campo, na ocasião de sua dissertação de mestrado junto ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano de 1991.

Por meio dos pressupostos contemporâneos da antropologia, a subjetividade do autor é explicitada no decorrer do livro, o que a torna próxima da literatura e do romance. A metodologia pós moderna é utilizada para realizar um estudo detalhado das relações sociais vividas pelas travestis, as transformações realizadas no corpo, os vínculos estabelecidos com a “pista<sup>4</sup>” e o preconceito vivido todos os dias devido ao corpo modificado. Porém, a discussão com a teoria encontra-se em segundo plano, ficando disponível apenas nas páginas finais do livro, o que não retira a riqueza dos fatos narrados na obra a fim de compreender este universo complexo e com inúmeros preconceitos.

As discussões produzidas posteriormente sobre sujeitos trans são inúmeras, tendo destaque nesta dissertação: Benedetti (2005), Peres (2005), Bento (2006a), Vale (2006), Araujo Junior (2006), Pelúcio (2007), Kulick (2008), Santos (2010) e Duque (2011)<sup>5</sup>. Um fato que chamou minha

---

<sup>3</sup> “O termo travestilidade é usado nesta tese no mesmo sentido que propõe William Peres (2004), não só para marcar a heterogeneidade de possibilidade identitárias das travestis, como também em substituição ao sufixo ‘ismo’, que remete à doença e a patologias.” (PELÚCIO, 2007, p. 18).

<sup>4</sup> Termo êmico para designar os locais de prostituição.

<sup>5</sup> Os Estudos *Queer* são frequentemente utilizados como metodologia analítica nos estudos sobre travestilidades e transexualidades. Internacionalmente temos como principal representante dessa discussão, Judith Butler (2010). Um conceito central nessa teoria é o de performatividade, segundo os teóricos *queer*, as normas de gêneros são práticas reguladoras anteriores ao agente e que são reiteradas pelos sujeitos, materializando nos corpos, aspectos de masculinidade e feminilidade (MISKOLCI, PELÚCIO, 2007). Desse modo, a sexualidade e os papéis de gênero são normatizados no intuito de criarem corpos generificados. “Por fim, é possível afirmar que o conceito de performatividade deve ser compreendido a partir de normas impostas aos sujeitos e com relação às quais eles podem viver ou entrar em conflito, normas que vêm de fora, mas são internalizadas e literalmente incorporadas.” (MISKOLCI, PELÚCIO, 2007, p. 265). A teoria *queer* retira o foco da opressão e libertação dos homossexuais para problematizar as instituições, o conhecimento sobre as sexualidades e a organização da vida social, como por exemplo, a

atenção na maioria destes estudos é o foco dado aos sujeitos que trabalham no mercado do sexo. Benedetti (2005, p. 115), por exemplo, afirma que os territórios de prostituição “constituem um importantíssimo espaço de sociabilização, aprendizado e troca entre travestis”. Para o autor são

[...] nesses lugares que aprendem os métodos e as técnicas de transformação do corpo, incorporam os valores e formas do feminino, tomam conhecimento dos *truques* e técnicas do cotidiano da prostituição, conformam gostos e preferências (especialmente os sexuais), aprendem o *habitus* travesti. Esse é um dos importantes espaços em que as travestis se constroem corporal, subjetiva e socialmente.” (BENEDETTI, 2005, p. 115).

Duque (2011) também trouxe considerações importantes para o recorte de minha pesquisa. Ao descrever suas primeiras experiências em campo ele diz:

Daí minha investigação ter sido levada a considerar os espaços contemporâneos de prostituição destes sujeitos, não acreditando também que eles sejam originários do mercado do sexo, mas atentando para este universo que foi apresentado em várias pesquisas anteriores como sendo o principal destino, muitas vezes tido como o único, para a sociabilidade da experiência das travestis no Brasil. (DUQUE, 2011, p. 37).

Nesse sentido, eu me perguntava: Seria possível o aprendizado das técnicas de transformações fora da rede de prostituição? Se possível, onde e com quem as trans aprendiam estas técnicas? Existiriam diferenças nas fabricações e concepções destes corpos? Quais seriam os modos utilizados para sobreviverem?

Berenice Bento (2006b, p.04) afirma que “o gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada” aos sexos masculinos e femininos. Investigo, portanto, os modos pelos quais referidas personagens ao comporem visuais femininos com a utilização da tecnologia e da indumentária, criam representações “femininas” ou componentes de “feminilidades”, contribuindo para borrar e confundir as normas estabelecidas para o masculino e feminino e os padrões estabelecidos para as masculinidades e feminilidades, os quais são fabricados e constituem produtos dos contextos históricos, sociais e culturais.

---

heteronormatividade. Assim, busca compreender as normas sociais que criam sujeitos “anormais”. (DUQUE, 2012). Apesar das inúmeras etnografias *queer* utilizadas nessa dissertação, optamos por não recorrer a essa teoria como fundamentação teórica da pesquisa, dando maior ênfase as discussões clássicas no interior das ciências sociais e humanas.

Neste sentido, Helio Silva (1993, p. 134) mostra que “a natureza ‘feminina’ do<sup>6</sup> travesti ganha corpo, se consolida, se arredonda no cotidiano, minuto a minuto, no milimétrico (pelo a pelo) combate de tudo que tenta brotar do homem subjacente”. Assim, as transformações realizadas no corpo, pelas técnicas médicas e através da utilização indumentária são aspectos importantes na vida destes sujeitos, produzindo novos sentidos para o corpo e para a aparência.

Neste contexto, apresento na sequência as questões que nortearam o estudo e que serão exploradas na presente dissertação: Que corpo é o da trans que não vive atualmente no mercado do sexo? Como ele é/foi construído? Quais as suas referências? Seriam estas referências distintas das citadas pela bibliografia? Quais as implicações da aparência para estes sujeitos? O corpo não sendo objeto de trabalho altera a percepção da trans sobre ele? Como vivenciam seus corpos e quais discursos produzem sobre gêneros e subjetividades? Por meio da articulação com as definições de gênero e estudos da antropologia do corpo, exploro as dificuldades, as dúvidas, as diferentes formas de modificação na criação de uma corporalidade, subjetividade e visualidade feminina.

Portanto, tendo como objetivo compreender as construções corporais das trans que não participam do mercado do sexo, esta dissertação será dividida em três capítulos. No primeiro, realizo uma discussão histórico-teórico-metodológica partindo dos estudos de Michel Foucault (2011), Thomas Laqueur (2001) e Berenice Bento (2006a). Assim, demonstro a criação do dispositivo da sexualidade a partir do século XVII por meio da criação de instituições disciplinadoras. O surgimento da experiência transexual nesse sentido é datado e tem suas primeiras discussões ao longo do século XIX. O que pretendo demonstrar neste capítulo é a criação de discursos a fim de conceituar, normatizar os corpos, os gêneros e as sexualidades.

Na segunda seção do primeiro capítulo discorro sobre os procedimentos utilizados na captação dos dados analisados. A História Oral é utilizada como metodologia de pesquisa. Para isso problematizo os diferentes modos de aplicação desta metodologia no recolhimento de fontes e de exploração do material coletado. Também desenvolvo os mecanismos utilizados para entrar em contato com as trans entrevistadas, as perguntas que foram aplicadas no questionário e os cuidados tomados para analisar as entrevistas após o processo de transcrição.

---

<sup>6</sup>“No caso das travestis, nós observamos que este grupo luta por ser reconhecido, do ponto de vista do gênero, como parte do universo feminino. As travestis usam, ao identificarem-se, não só nomes femininos, mas também se utilizam dos repertórios discursivos femininos, bem como dos respectivos artigos de vestuário e beleza próprios do universo feminino. As travestis que participam do Movimento Nacional de Travestis – ENTLAIDS – reivindicam o direito ao trabalho, ao respeito, à inclusão social e de serem reconhecidas com “as”, visto que, as mesmas, vivem permanentemente segundo os ritos presentes no universo feminino” (SILVA e BARBOSA, 2005, p. 37). O ENTLAIDS é o Encontro Nacional de Travestis e Transexuais na luta contra a AIDS.

Na terceira seção, “As entrevistas: estabelecendo laços de amizade”, descrevo as trajetórias das trans envolvidas nesta pesquisa, os mecanismos utilizados para o primeiro contato, o desenvolvimento das entrevistas e algumas posturas tomadas no decorrer do trabalho de campo. As narrativas captadas demonstram os caminhos percorridos pelas trans para obtenção de uma corporalidade e subjetividade feminina, os obstáculos colocados pela sociedade transfóbica e a luta pela obtenção de um espaço no mercado de trabalho.

No segundo capítulo desenvolvo a análise das entrevistas. Em sua primeira seção elas são orientadas pelas discussões de Pierre Bourdieu (1976, 1983, 1996, 2007, 2010). Os conceitos de *habitus*, estilos de vida, capital cultural, econômico e social são utilizados de modo a compreender as subjetividades e as relações estabelecidas na produção do corpo e do gênero feminino, os mecanismos utilizados para obtenção dos saberes das técnicas de modificações corporais e a construção de uma suposta identidade trans também é discutida neste capítulo.

Na segunda seção eu utilizo das discussões sobre indumentária e moda na construção dos corpos generificados e os acessórios como auxiliares na produção das feminilidades. As discussões de gênero são exploradas buscando compreender as construções de aparência feminina em corpos biológicos masculinos. A moda é percebida como uma linguagem e as trans a utilizam em sua composição visual.

As transformações corporais realizadas por meio dos hormônios e silicone são abordadas na terceira seção. Assim, apresento os mecanismos utilizados para o conhecimento das técnicas corporais, as transformações e complicações advindas com o seu uso, dando materialidade à subjetividade trans. A pilosidade dos corpos também determina os gêneros, nesse sentido, as trans se utilizam das técnicas cosméticas para eliminação dos pelos de algumas partes do corpo e no cuidado com os cabelos. Portanto, busco compreender as transformações realizadas no/do corpo.

Na quarta seção as cirurgias de redesignação sexual são problematizadas. Os discursos médicos, teóricos e das trans são confrontados na intenção de compreender as inúmeras visões sobre essa modificação. Nesse sentido, os estudos de Bento (2006a) são utilizados na tentativa de entendimento pelo viés sociológico. Investigo também como os discursos médicos são utilizados nas narrativas e na produção de uma definição da transexualidade.

Na quinta e última seção, abordo as relações entre o preconceito e o estigma do corpo transformado. Goffman (1988) colabora na compreensão dos estigmas sociais vinculados às corporalidades. A narrativa das trans mostram os mecanismos utilizados para construção de uma autoimagem positiva de si. A escola e a família são vistas pelas trans permeadas por ambiguidades

de acolhimento e escárnio. A transfobia é vista como um dos principais inimigos na inclusão ao mercado de trabalho.

## A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: DOS CORPOS, SEXUALIDADES E A METODOLOGIA

### A história da sexualidade e a docilização dos corpos.

*“O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política.”*

(FOUCAULT, 1986, p. 80)

*“Entre os séculos XVI e XVIII nasce o homem da Modernidade: um homem cindido de si mesmo (aqui sob os auspícios da divisão ontológica entre o corpo e o homem), cindido dos outros (o cogito não é o cogitamus) e cindido do cosmos (doravante o corpo não pleiteia mais do que por si mesmo; desenraizado do resto do universo, ele encontra seu fim em si mesmo, ele não é mais o eco de um cosmos humanizado).”*

(BRETON, 2011, p. 89)

Este capítulo tem o intuito de realizar uma discussão histórico-teórico-metodológico. Foucault (1986, 2009, 2011), ao estudar as diferentes formas de controle das sociedades modernas, demonstrou que o Estado por meio das instituições aplica normas disciplinizadoras. Essa realidade biopolítica tem o intuito de controlar os sujeitos sociais por meio dos seus corpos. A medicina seria um exemplo primeiro dessa rede de controle. Assim, realizo algumas discussões sobre a história da sexualidade, partindo dos estudos de Michel Foucault (1986, 2009, 2011), explorando os conceitos de corpos dóceis e o dispositivo da sexualidade segundo o autor. Laqueur (2001) colabora na compreensão sobre o surgimento dos dois sexos pelas ciências médicas. Por meio de Berenice Bento (2006a), apresento o conceito de dispositivo da transexualidade, criado pela autora para o entendimento da experiência trans.

No início do século XVII, Foucault (2011), em sua história da sexualidade, mostra que existia certa franqueza com relação a esta faceta da vida humana. Os códigos morais eram mais tolerantes com o imoral, o obsceno e a decência. Porém, com o surgimento da burguesia, a

sexualidade passa a ser assunto familiar, tendo como função principal a reprodução biológica e como único espaço legítimo, o quarto do casal. Assim, é instaurado o modelo e as normas para a sexualidade. Aos que transgridem e se mostram, estes serão designados sob o espectro da anormalidade.

A repressão funciona como uma máquina, e tem como principal mecanismo o silêncio, de modo que “[...] marcharia com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas” (FOUCAULT, 2011, p.10). O discurso de repressão sexual coincide com o desenvolvimento do capitalismo e dos valores burgueses. Segundo o autor esta repressão está ligada a incompatibilidade da sexualidade com o trabalho. Em uma “[...] época que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que lhe permitem reproduzir-se?” (FOUCAULT, 2011, p.12).

Após o Concílio de Trento a sexualidade deixa de ser pautada nas confissões e a descrição toma lugar. Deste modo, o século XVII seria marcado pela repressão de tudo relacionado ao sexo, inclusive no aspecto linguístico, controlando os discursos e instaurando o silêncio. Porém, a partir do século XVIII, o cerceamento das regras de decência provocou uma valorização e uma intensificação do discurso “indecente”. Assim, a Contrarreforma se dedica a acelerar o ritmo anual de confissões, devido à importância das penitências a todas as insinuações da carne (FOUCAULT, 2011).

Portanto:

A confissão, o exame de consciência, toda uma insistência sobre os segredos e a importância da carne não foram somente um meio de proibir o sexo ou de afastá-lo o mais possível da consciência; foi uma forma de colocar a sexualidade no centro da existência e de ligar a salvação ao domínio de seus movimentos obscuros. O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso. (FOUCAULT, 1986, p. 230).

O corpo torna-se a origem de todos os pecados. Se por um lado, não se falou sobre sexo, por outro, o assunto foi encurralado por um discurso que não permite obscuridade, nem sossego, sempre pautado na normatização da sexualidade. A moral cristã exige não somente a confissão de atos, mas fazer de todos os desejos humanos um discurso. Contudo, é necessário decência, censuras no vocabulário, tendo como objetivo torná-lo moralmente aceitável e tecnicamente útil. “[...] Censura sobre o sexo? Pelo contrário, constituiu-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia.” (FOUCAULT, 2011, p.29).

Assim, Foucault (2011) mostra que o crescimento do discurso sobre sexo não estava ligado somente com a espiritualidade cristã, mas também com a economia dos prazeres individuais e o interesse público. O essencial não era o moralismo, mas sim falar do sexo e inserí-lo em sistemas de utilidade, estabelecendo um padrão. Administra-se o sexo. “Polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição.” (FOUCAULT, 2011, p.31).

Um das grandes novidades das técnicas de poder do século XVIII foi o surgimento da população e sua relação com os problemas econômicos e políticos. O que nota-se é a relação [...] “população-riqueza, população mão-de-obra ou capacidade de trabalho, população em equilíbrio entre seu crescimento próprio e as fontes de que dispõe.” (FOUCAULT, 2011, p.31). Assim, o Estado percebe a necessidade de lidar com os fenômenos advindos do surgimento das populações.

No centro desses problemas políticos inseriram-se aspectos relacionados à sexualidade, como por exemplo, a natalidade, esperança de vida, taxa de fecundidade, saúde, doenças entre outras. Desta forma, a conduta sexual do povo é tomada como objeto de análise e de intervenção. As condutas sexuais são analisadas, suas determinações e seus efeitos, o Estado tem necessidade de saber sobre a sexualidade dos cidadãos, “[...] entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram.” (FOUCAULT, 2011, p.33).

Um exemplo utilizado pelo autor são as reproduções de discursos com relação à sexualidade das crianças. Segundo Foucault, não se fala menos do sexo infantil, fala-se de outra forma, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos. Neste sentido, ao analisar a educação escolar, nota que “basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente de sexo.” (FOUCAULT, 2011, p.34). Os mecanismos adotados dentro da escola para vigiar as crianças demonstram que tudo fala de alguma forma sobre a sexualidade das crianças. Com relação ao sexo colegial, o filósofo afirma que no decorrer do século XVIII passa a ser um problema público, inclusive uma das tentativas de solução foi a criação de uma escola experimental que tinha como objetivo educacional controlar e impedir a prática sexual dos jovens.

É por meio deste processo, segundo o autor, que observa-se uma infinidade de discursos sobre a sexualidade, trazendo mudanças significativas na ordem social, política, econômica e no funcionamento das leis. É nesse período também que a sexualidade passa a ocupar papel central nas teorias médico-científicas. Ciências como a pedagogia, a medicina e a psiquiatria vão formular os

seus saberes sobre o sexo, criando normas para a produção de corpos dóceis, conceito utilizado por Foucault para definir os dispositivos<sup>7</sup> de poder que estabelecem uma coerção disciplinar (FOUCAULT, 2011). “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (FOUCAULT, 1987, p. 126).

Laqueur (2001) corrobora as discussões sobre o surgimento dos saberes do sexo. Ele demonstra que desde a antiguidade clássica até o final do século XVII existia a concepção de um sexo único, o que a literatura chamou de isomorfismo. Para os estudiosos deste período as mulheres tinham os seus órgãos genitais internos devido à falta de um calor vital. Assim a vagina corresponderia ao pênis, os testículos aos ovários, inclusive tinha a mesma nomenclatura do corpo-referência, deste modo, as mulheres eram homens invertidos e esses eram mais perfeitos que as mulheres, pois tinham excesso de calor.

Laqueur (2001) mostra, portanto, que foi somente em 1759 que a anatomia feminina começou a ser estudada em contraste com o esqueleto masculino. Antes desse período aplicava-se um único tipo de referência ao corpo humano: a masculina. Portanto, “a sexualidade como atributo humano singular e muito importante com um objeto específico – o sexo oposto – é o produto do final do século XVIII.” (LAQUEUR, 2001, p. 24). Assim, as diferenças anatômicas e fisiológicas foram criadas quando se tornaram politicamente importantes, como por exemplo, as lutas por poder e posição nas esferas públicas decorrentes da Revolução Francesa. Desta forma, a ciência não só pesquisa, mas ela mesma produz a diferença (LAQUEUR, 2001).

A criação de dois sexos, com órgãos distintos, o dimorfismo, instaurou a diferença. Homens e mulheres não eram mais um mesmo corpo com maior ou menor calor, mas de naturezas distintas. Foi essa descoberta que colaborou na criação dos estereótipos de gêneros e diferenças biológicas e sociais. Consequentemente, os discursos sobre sexo foram vistos a partir do século XIX, primeiramente, com a medicina ocupando-se das “doenças de nervos”, em seguida, com a psiquiatria, preocupando-se com a “extravagância”, depois com o onanismo, as “fraudes contra a procriação”. Assim, “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só com uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso.” (FOUCAULT, 1986, p. 8).

---

<sup>7</sup> “Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.” (FOUCAULT, 1986, p.244).

Mas somente quando a psiquiatria cria um campo exclusivo de atuação, denominado de perversões sexuais, é que teremos o surgimento do homossexual moderno, contrapondo-se ao sodomita de até então. Dito de outra maneira, os corpos são marcados linguisticamente por dispositivos de saber-poder que controlam as relações entre sexo, desejos e subjetividades (FOUCAULT, 2011). Assim:

O homossexual do século XIX torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa a sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o principio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita em seu pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém, **como natureza singular**. (FOUCAULT, 2011, p. 50). [grifo meu]

Não houve uma censura, pelo contrário, o que houve foi uma fomentação do discurso, regulado e polimorfo. E foi a partir da necessidade (urgências de natureza econômica e política) que os discursos foram criados, mas sempre limitados, codificados, para mantê-los em segredo. Para o autor é este suposto segredo ligado aos atributos da sexualidade que fazem incitar falar sobre, “[...] o segredo do sexo não é, sem dúvida, a realidade fundamental em relação à qual se dispõem todas as incitações a falar de sexo [...]” (FOUCAULT, 2011, p.41). O segredo

[...] faz parte da própria mecânica dessas incitações: maneira de dar forma à exigência de falar, fábula indispensável à economia infinitamente proliferante do discurso sobre sexo. O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado, o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo. (FOUCAULT, 2011, p. 41-42).

Se o sexo deve ser segredo, as trans o subvertem e mostram em seus corpos, discursos sobre o seu sexo.

Deste modo, um processo análogo aconteceu com o surgimento do conceito de transexuais e travestis. Sabemos da existência das *hijras* na Índia, dos *kathoey* ou *katoey* na Tailândia; ou do que a etnografia nomeou como *berdache*, “[...] quando um homem assume o *status* e o papel de mulher, vestindo-se, pensando, comportando-se como tal e simulando ciclos menstruais e gravidez sem que seja homossexual ou hermafrodita.” (RODRIGUES, 2006, p.69). Ou seja, o binarismo colocado pelos dispositivos da sexualidade não é de forma alguma universal.

Neste sentido, Berenice Bento (2006a) demonstra que a transexualidade e a travestilidade é um desdobramento do dispositivo da sexualidade, fundamentada por Foucault. A autora nos mostra

que em 1910, Magnus Hirschfeld, utilizou o termo “transexualpsíquico” para denominar as travestis fetichistas. No entanto, somente em 1949, o sexologista David Oliver Cauldwell publica um estudo sobre o caso de um transexual masculino, expondo características que viriam a se tornar exclusivas dos/as transexuais. A partir de 1950 começam a surgir discursos científicos em torno dessa experiência. “A tarefa era construir um dispositivo específico que apontasse os sintomas e formulasse um diagnóstico para os/as transexuais” (BENTO, 2006a, p. 132). Assim:

A construção do “transexual oficial” baseia-se na produção de um saber específico que o separou das travestis, dos *gays* e das lésbicas e classificou os vários tipos de transexuais para se chegar à determinação final: o “transexual de verdade” não apresenta nenhum “problema biológico”, mas tem certeza absoluta de que está em um corpo equivocado. Segundo essa concepção, a cirurgia para os/as transexuais seria a única possibilidade para encontrarem um lugar e um sentido identitário. (BENTO, 2006a, p.23)

Em 1980, o “transexualismo” e o “travestismo” são inclusos no Código Internacional de Doenças (CID-10), definindo esses sujeitos como doentes e estabelecendo critérios para o seu diagnóstico. Deste modo, foram criados “sintomas” para a transexualidade, são eles: “O/a ‘transexual oficial’, por sua vez: a) odeia seu corpo, b) é assexuado/a e c) deseja realizar cirurgias que possa exercer a sexualidade normal, a heterossexualidade, com o órgão apropriado.” (BENTO, 2006a, p.25).

No entanto, haveria uma grande diferença de tratamento, enquanto as travestis seriam sujeitos fetichistas e perversos, sem cura para a sua “patologia”. As transexuais poderiam ser “curadas” pelo processo de transgenitalização (BENTO, 2006a). Atualmente, no Brasil, as cirurgias são realizadas apenas em hospitais universitários e públicos. Para o sujeito transexual realizá-la é necessário passar por inúmeros protocolos: psiquiátricos, psicológicos, hormonais, para somente assim, definir a necessidade ou não da cirurgia (BENTO, 2006a).

Se as identidades sexuais são criadas por discursos de saber-poder tendo como objetivos uma maior facilidade na construção de corpos dóceis, os sujeitos trans, apesar de fazerem parte deste processo, desestabilizam o binarismo de gênero. Ao fabricarem os seus corpos com as tecnologias médicas e as “estilísticas definidas como apropriada” (BENTO, 2006a) para cada gênero, eles desnaturalizam as nossas convicções de masculino e feminino.

Assim, se o papel da medicina descrita por Foucault, das tecnologias na regulação e controle do corpo e da sexualidade são patente nestas reflexões, Goellner (2003, p.28) a corrobora, ao comentar que:

[...] o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz.

É sobre esta perspectiva que foi abordado os atos e feitos das trans sobre os corpos. Ao produzirem corporeidades com os avanços tecnológicos da medicina e das próteses, as trans questionam o dispositivo da sexualidade e a relação histórica, social e cultural que associa o corpo ao sexo.

### **Como pensei os corpos trans: história oral como metodologia de pesquisa.**

Esclarecidos os conceitos envolvidos no trabalho, faz-se necessário apresentar os encaminhamentos metodológicos envolvidos no levantamento de informações com as trans selecionadas para este estudo. Os sujeitos desta pesquisa são as trans que atualmente não vivem do mercado do sexo. Realizar pesquisas com sujeitos trans não é tarefa fácil, conforme já demonstrado por inúmeros antropólogos (SILVA, 1993; BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2007). Entrar em contato e captar entrevistas demanda muita persistência e um mínimo de inserção e compreensão dos códigos identitários do grupo. Esse processo exige muito do pesquisador, já que neste momento temos que adentrar a vida do sujeito sem, no entanto, termos qualquer intimidade. Foi necessário muita calma e compreensão com os indivíduos em questão, já que pressupõe coletar informações sobre o seu dia-a-dia e no recesso de seus lares.

Duarte (2002, p.146) afirma que um dos mecanismos para adentrar o universo pesquisado é “integrar estratégias de investigação qualitativa como conversas informais em eventos dos quais participam pessoas ligadas ao universo investigado”. Este foi um dos mecanismos acionados para entrarmos em contato com os sujeitos desta pesquisa. Particpei do III Workshop Trans e foi por meio deste evento que cheguei a algumas das entrevistadas.

Outra reflexão importante de Rosária Duarte (2002) que se constitui em ponto metodológico, diz respeito ao número de entrevistados. Segundo a autora, numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos não pode ser determinado *a priori*. O que deve determinar o número é a qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. A autora também diz que os "dados" originais ou pistas que possam indicar novas perspectivas à investigação em curso devem ser

aproveitados, dando continuidade ao trabalho de entrevistas. Assim, me utilizei do conceito de saturação em pesquisas qualitativas para determinar o número real de entrevistadas. Assim, entrevistei seis trans para a construção dos dados de pesquisa.

Meu primeiro contato com um desses sujeitos ocorreu na Iniciação Científica desenvolvida no ano de 2010-2011, onde tive a oportunidade de conhecer Clarisse. Na época, devido ao tempo para o desenvolvimento da pesquisa, não consegui entrevistá-la. Foi por meio de Clarisse que conheci Silmara, amiga de Clarisse de longa data, residente também em Maringá e que atualmente trabalha no cuidado de crianças no contra-turno escolar em sua residência. Conheci também durante o desenvolvimento do PIBIC Aline, estudante de moda e residente em Paulicéia-SP. Conforme explicitado anteriormente, foi somente quando participei do III Workshop Trans<sup>8</sup> em 22 de outubro de 2011, que consegui uma lista de contatos de trans que se encaixavam na abordagem do estudo proposto nessa dissertação. A partir desta lista, entrei em contato com Adriana, moradora de Curitiba e professora da rede estadual de educação. Também contatei Bianca, professora que trabalha na Secretaria Estadual de Educação e com Juliana, trabalhadora do ramo de confecção e residente em Apucarana-PR. Podemos dizer, portanto, que o resultado da pesquisa reflete os comportamentos e as atitudes dos sujeitos, quando confrontados com a situação de entrevista proposta pela investigação.

Existe a representação de que as trans são excluídas de casa, assim que começam suas primeiras transformações. Portanto, a marginalização destes sujeitos inicia-se no âmbito familiar. A dificuldade em encontrar trabalho é um dos principais problemas enfrentados pelas trans, a solução não raramente encontrada é adentrar ao mercado da prostituição, o que traz uma vida baseada no nomadismo (BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008). No caso das trans entrevistadas em nossa pesquisa, suas histórias são diferentes: Aline, Bianca e Adriana não foram expulsas de casa e receberam apoio de suas famílias; Clarisse teve que sair, mas logo conseguiu emprego como babá no Mato Grosso do Sul, Silmara foi morar com sua tia e Juliana fugiu de casa com duas amigas também travestis.

Em razão da perspectiva de análise adotada na pesquisa, de investigar a corporalidade das trans com vistas a entender as relações entre corpo e construções de gênero, a metodologia utilizada foi a História Oral. A história oral surge em 1948 na Universidade de Colúmbia em Nova York. Foi através das histórias de pessoas comuns no final da Segunda Guerra Mundial, que o professor Nevins teve a ideia de organizar um arquivo e oficializou o termo “história oral”. O surgimento de

---

<sup>8</sup> Foto do Workshop em anexo. (Anexo 3)

tecnologias de gravação e transmissão possibilitou o seu desenvolvimento. Neste sentido, em seu início, a história oral pensou e estudou os grupos excluídos dos registros da História (MEIHY; HOLANDA, 2010).

Assim sendo,

[...] a história oral privilegia grupos sociais deslocados – migrantes e imigrantes -, parcelas minoritárias excluídas, marginalizadas, e se vale de suas narrativas para propor um “outra história”, ou história “vista de baixo”, de ângulo incomum, sobre determinada realidade em contraposição ao silenciamento ou à visão “majoritária” e institucionalizada, assumida como aquela que devemos reconhecer como “versão oficial. (MEIHY; HOLANDA, p. 52, 2010).

Verena Alberti (2005, p.155-157) define a História Oral como uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes que tem na entrevista o principal recurso para a captação das informações. Para a autora, o trabalho de produção de fontes orais pode ser dividido em três momentos: a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento que devem ser claramente expostos no projeto de pesquisa.

Com base nos “momentos da pesquisa”, definidos por Alberti, passo a precisá-los. A entrevista de tipo semi-estruturada mostrou-se como a mais indicada ao estudo. Segundo Berg (2001), ela envolve a formulação de uma lista limitada de questões gerais ou apenas alguns tópicos de orientação, onde a ordem das questões são previamente definidas. Assim, o entrevistador tem a liberdade para fazer digressões e ir além da lista. Por meio das perguntas de sondagens, o pesquisador realiza questões ao entrevistado para estimulá-lo a fornecer indagações adicionais à resposta. A produção do questionário foi realizada através da leitura de referências bibliográficas que permeia os objetivos de nosso estudo.

Outra observação necessária quanto a este tipo de metodologia diz respeito à abordagem dada ao material resultado das entrevistas. Meihy e Holanda (2010) apontam duas formas de fazer História oral: a pura e a híbrida. A História oral pura é “feita com diálogos internos das falas apreendidas” (MEIHY; HOLANDA, p. 48, 2010), ou seja, as falas coletadas durante as entrevistas são utilizadas de forma a dialogarem entre si, produzindo uma discussão polifônica (MEIHY; HOLANDA, 2010). A história oral híbrida é definida “quando as narrativas concorrem com outros suportes documentais” (MEIHY; HOLANDA, p. 48, 2010), ou seja, as entrevistas dialogam com outros documentos e textos científicos advindos das Ciências Humanas. Esse foi o modo que utilizamos as entrevistas na produção dessa dissertação.

Have (2004) afirma que um dos principais problemas em pesquisa social é recolher provas que ao serem analisadas com as ideias científicas, sejam capazes de produzir uma representação relevante e adequada da vida social. É este o principal papel das entrevistas dentro da história oral, compor argumentos que cresçam quando somados a outras entrevistas e documentos científicos, reforçando argumentos ou se opondo a eles, e que ao se entrelaçar novamente com as mesmas, favorecem conclusões que se justificam (MEIHY; HOLANDA, 2010).

Bourdieu (2002) em “A ilusão biográfica” traz algumas contribuições para compreender as intencionalidades dos discursos na produção de histórias de vida. Apesar de os indivíduos normalmente apontarem um conjunto de ideias coerentes e orientadas, as trajetórias de vida são marcadas por contradições. Isso é evidente principalmente na elaboração de uma trajetória de vida, pois: “O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o *postulado do sentido da existência* narrada (e, implicitamente de qualquer existência).” (Bourdieu, 2002, p. 184). No entanto, o real é descontínuo, principalmente devido aos imprevistos da realidade diária, que vão colocando no seu decorrer inúmeros acontecimentos sem propósitos.

Assim, o ponto central das ideias de Bourdieu é alertar para as artimanhas discursivas produzidas pelos sujeitos. Apesar de apresentarem um discurso contínuo e homogêneo, é papel do biógrafo, em nosso caso do pesquisador, ter em mente que as trajetórias de vida são marcadas por rupturas, junções de acontecimentos não lineares na objetivação de uma trajetória com determinada finalidade. Contudo, o papel do antropólogo é aceitar a história, pois todo discurso é uma interpretação do real. Estes foram os mecanismos adotados para a produção desta dissertação.

O local de aplicação dos questionários é outro aspecto importante na captação de entrevista. Duarte (2002), afirma que a entrevista flui mais tranquilamente quando realizada na residência da pessoa entrevistada. Nessa pesquisa, esse foi o encaminhamento tomado. Clarisse, Silmara, Juliana e Adriana foram entrevistadas em suas casas. Bianca, contudo, preferiu ser entrevistada em seu local de trabalho, a Secretaria de Diversidade, no refeitório da Secretaria Estadual de Educação, no início da manhã, momento de pouco fluxo. Aline teve de ser entrevistada na casa de minha tia, devido a relação com sua família (ver o capítulo sobre o campo). Em todas as entrevistas, pesquisador e entrevistadas se sentiram à vontade, isso pode ser notado ao término das entrevistas, pelas longas conversas travadas após a aplicação do questionário, sobre assuntos comuns da vida cotidiana, os dilemas dos sujeitos e suas inquietações sobre a pesquisa e o próprio pesquisador.

O uso do gravador nas pesquisas de campo tem uma longa história. Segundo Voldman (1996, p.35), no desenvolvimento da pesquisa oral chegou um momento em que “já não bastava que essa testemunha fosse digna de fé. Era preciso que sua mensagem fosse acessível a todos e que a comunidade científica pudesse utilizá-la como prova. A invenção do gravador permitiu atender a essas exigências”. Nesta pesquisa, o gravador foi utilizado em toda coleta de dados e todas as trans autorizaram o seu uso, inclusive ficando preocupadas com a qualidade de som dos depoimentos.

Em Pollak (1989), encontrei subsídios que ajudam a entender alguns dos comportamentos e atitudes comunicados pelas trans ao se esconderem e ocultarem as suas vidas. Diz o autor, “é aí que intervém, com todo o poder, o discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior. A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável.” (POLLAK , 1989, p.8). Isto é o que acontece com grande parcela das trans, falar sobre as suas vidas é proibido, justamente pelos tabus sociais e culturais.

A história oral oferece aos sujeitos a possibilidade de expor os dilemas sociais vivenciados. No caso, as trans trouxeram para as narrativas os preconceitos sociais que enfrentam, seus dilemas corporais, seus problemas familiares e sociais. No caso do trabalho que foi desenvolvido nessa dissertação, o objetivo a ser atingido por meio das entrevistas foi o de entender os sentidos percebidos pelos sujeitos na transformação do corpo, os significados construídos para elas por meio da medicina, próteses e indumentária, os sentimentos de feminilidade que acompanham os procedimentos estéticos, suas referências de feminilidade e trajetórias de vida.

Quanto ao roteiro<sup>9</sup> da entrevista, algumas questões que o pontuaram dizem respeito às idades dos sujeitos; as sensações e sentimentos experimentados ao se verem como mulher; a maneira como os detalhes do corpo masculino são escondidos e como se processa a construção/fabricação do feminino com os artefatos de gênero feminino e da medicina, os significados atribuídos ao se fabricarem, o que é ser feminina, o modelo de feminilidade utilizado como parâmetro, o tipo de feminilidade criada e os possíveis motivos de não participarem atualmente da prostituição. Considero que, por meio destas perguntas, foi possível dimensionar as práticas dos sujeitos nas suas relações com o corpo e as roupas, ou com o sexo e os gêneros.

Portelli (1997, p.33) salienta que “[...] a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forçadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar

---

<sup>9</sup> Anexo 1

sentido no passado e dar forma às suas vidas”. Acredito que, conforme apontado pelo autor, a partir das memórias das trans sobre os seus corpos, foi possível entender, por meio das narrativas criadas, as dinâmicas em trânsito, as mudanças contínuas, que adquirem novos significados através das inúmeras técnicas de modificações.

Para Chantal Tourtier-Bonazzi, (1996, p.239) “[...] toda transcrição, mesmo bem feita, é uma interpretação, uma recriação, pois nenhum sistema de escrita é capaz de reproduzir o discurso com absoluta fidelidade”. Esta premissa orientou a transcrição das fitas e das informações prestadas pelos entrevistados. Na reprodução do material gravado, as anotações feitas no caderno de campo possibilitou posteriormente avivar a memória dos fatos, lembrar os gestos e posturas. Após este processo, houve o cuidado de verificar a compatibilidade entre as transcrições e o conteúdo das fitas.

Esta é a principal função do caderno de campo, por meio dos registros constantes, realizar um diálogo permanente entre o projeto inicial e o desenvolvimento da pesquisa, possibilitando perceber a trajetória e a evolução do projeto (MEIHY; HOLANDA, 2010). Após este processo, houve o cuidado de verificar a compatibilidade entre as transcrições e o conteúdo das fitas.

Os vícios de linguagem foram interpretados como recursos estilísticos usados pelas trans. Nos diálogos estabelecidos é exemplar a repetição dos termos “né” e “tal”. Por meio dessas expressões é possível notar a preocupação das entrevistadas com o entendimento das narrativas e se existe uma concordância com o que está sendo relatado.

O cuidado com o corpo foi assunto recorrente nas entrevistas, todas as entrevistadas realizam algum tipo de cuidado especial para manter e melhorar o corpo. Aline e Adriana, por exemplo, realizam depilações a laser e tomam cuidados especiais com os cabelos. Assim, o processo de transformação requer o aprendizado de inúmeras técnicas, cada uma para determinada parte do corpo. Isso inclui também fazer abdições, por exemplo, do consumo excessivo de bebidas alcoólicas, devido ao alto consumo de medicamentos hormonais.

Assim, por meio desta metodologia, acredito que foi possível adentrar o universo trans para estudar as transformações corporais mediante as práticas da medicina, juntamente com suas relações com a problemática de gênero, sexo e aparência. Nas narrativas construídas pelas trans foi possível equacionar o que diz Helio Silva (1993) [referindo-se a um indivíduo praticante de *crossdressing*,

Vestindo-se com as roupas da irmã , R. faz mais do que simplesmente romper os limites das classificações que o definem como homem. Ao deixar entrever por sob

as vestes femininas suas pernas inconfundivelmente másculas, ele representa, na verdade, a própria representação.

Em outro momento, afirma: “A singela pergunta com que roupa? Se adensa e se torna dramática quando traduzida para seu aprofundamento lógico: com que corpo?” (SILVA, 1993, p.115).

Entender que corpo é o da trans e que corpo ela representa, apresenta e comunica é o que a pesquisa permitiu. Como última observação, é preciso salientar que dado o tipo e objetivo da pesquisa, em atendimento ao contido na Resolução 196/96, os procedimentos da investigação foram submetidos à Comissão de Ética.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> TCLE em anexo. (Anexo 2)

### As entrevistas: estabelecendo laços de amizade.

*Bianca: só uma pergunta? indiscreta? vc é sujeito?*

*Emerson: sim, sou gay. Sou militante do movimento tbm*

*Bianca: passada, legal*

*Emerson: rs*

*Bianca: é mais tranquila a conversa com quem é, kkkkk.*

*Emerson: muito prazer em te conhecer, claro, com certeza, tbm acho, rs*

*Bianca: se bem que um hetero seria um luxo né kkk*

*Emerson: kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk*

*Bianca: boa noite*

*Emerson: as amigas se entendem, rs. Bjos*

*Bianca: bjssssssssss*

(Conversa realizada pelo *facebook* no dia 15 de março de 2012)

Neste capítulo eu apresento a trajetória de vida das trans envolvidas nessa pesquisa. Para isso, priorizei os dados referentes ao primeiro contato com o sujeito em questão, idade, local de nascimento, o descobrimento da identidade trans, a experiência profissional e o desenvolvimento da entrevista. Assumir uma postura como *gay* e militante do movimento social foi importante para estabelecimento dos contatos em campo. Essa situação fica explícita por meio do diálogo travado com Bianca, pela rede social *facebook*. Narrar sua história de vida para alguém que compartilha, de certo modo, a experiência de desafiar as normas e os padrões sociais relacionados à sexualidade, mostrou ser um ponto considerável no estabelecimento dos diálogos. Afinal, nesse universo os medos e receios de dividir lembranças parecem ser comuns, frutos da sociedade transfóbica e heteronormativa em que vivemos, onde as homossexualidades são relacionadas com a vergonha e o escárnio. Assim, a postura tomada em campo foi marcada pela igualdade nas relações estabelecidas e por vínculos de amizade.

Conforme já mencionado, a primeira entrevistada foi Clarisse, mãe de santo, residente na cidade de Maringá. Foi por meio de Clarisse que conheci Silmara, sua amiga de muitos anos. Após a participação no Workshop Trans entrei em contato também com Bianca e Adriana, professoras da rede estadual de educação do Paraná. Juliana foi entrevistada posteriormente após alguns diálogos por telefone. Aline realizou seu depoimento em um feriado prolongado, em que viajei para minha cidade natal.

As histórias de vida das entrevistadas mostram as dificuldades de uma infância difícil, seja na relação com a família ou consigo mesmas. A adolescência, marcada pela dúvida e inquietação sobre os seus corpos, gênero e sexualidade. No entanto, é também nesse período que se inicia as primeiras transformações corporais, motivo de alegria e auto-imagem positivas de si. A vida adulta é marcada por batalhas, seja para conseguir um trabalho, realizar os estudos ou adquirir alguma estabilidade financeira. Entre roupas femininas, maquiagens, saltos, silicones, depilações, dificuldades e vitórias, estas mulheres mostraram os caminhos percorridos para a efetivação de suas subjetividades.

### **Clarisse**

Clarisse tem 50 anos, se identifica como travesti e nasceu em Maringá, trabalhou como diarista, doméstica, babá, cozinheira e governanta. Há 25 anos é Mãe de Santo do terreiro Caboclo Sete Flechas, localizado no Jardim Rebouças, nesta cidade. Meu primeiro contato com Clarisse, como mencionado, foi em 2010, e ocorreu por intermédio de um amigo da graduação, o Aloysio Santos Bischoff. Neste período, ele estava desenvolvendo uma iniciação científica sobre religiões afro-brasileiras e quando comentou que conhecia uma Mãe de Santo travesti, fiquei empolgado para conhecê-la. Visitei o seu terreiro em uma das celebrações que ocorrem de 15 em 15 dias em sua própria casa, que também é o local de consultas espirituais.

Devido ao curto tempo de desenvolvimento do PIBIC e as dificuldades de marcar um horário com Clarisse, não a entrevistei naquele momento. No entanto, não perdi seu contato. Esporadicamente eu participava de algumas celebrações no seu terreiro. Em 2011, Clarisse foi entrevistada por uma amiga e pesquisadora sobre travestilidades, Joyce Mayumi Shimura, para sua dissertação de mestrado, inclusive ela estava presente em sua defesa, em fevereiro de 2012. Nesse período, eu e Joyce frequentávamos a sua casa e os ritos religiosos.

Realizei a entrevista com Clarisse no dia 29 de fevereiro de 2012, no local escolhido por ela, a sua casa. Cheguei às 9:20 da manhã, fui recebido com muito entusiasmo. Rapidamente ela preparou um café, enquanto isso conversamos sobre como a casa era agradável, composta por um salão utilizado como templo e sua casa aos fundos, tudo interligado por uma vasta área com inúmeras cadeiras, mesa, árvores, pinturas de santos nas paredes, flores, plantas e ervas. Clarisse me levou para conhecer todos os cômodos da casa, mostrou-me sua cozinha, a sala com inúmeros retratos de amigos e fotos de outros períodos de sua vida, seu quarto repleto de espelhos,

observação que comentei com ela e ela me respondeu: “Eu adoro me ver”. Tudo muito organizado. Ela enfatizou as dificuldades financeiras para obtenção dos móveis, todos eles feitos sob medida para a sua casa.

A entrevista foi realizada na varanda. Clarisse estava vestida de branco devido aos ritos da umbanda. Suas mãos estavam adornadas por inúmeros anéis. Chamou-me a atenção os cuidados com a maquiagem e com os “badulaques”, expressão utilizada por ela para referenciar os colares, anéis e pulseiras. A entrevista teve duração de 51 minutos. Durante estes minutos, Clarisse relatou a vida familiar difícil com 10 irmãos, a revolta da família ao descobrir a sua identidade, os inúmeros lugares que morou ao sair de casa, a iniciação dentro da umbanda e as suas transformações corporais.

### **Silmara**

Entrei em contato com Silmara por intermédio de Clarisse. As duas são amigas desde a adolescência. Apesar das dificuldades de tempo livre, elas sempre se encontram, principalmente às segundas-feiras, dia em que Clarisse vai ao Cemitério Municipal, local próximo à casa de Silmara. Meu primeiro contato com a entrevistada foi por telefone. Expliquei sobre a minha pesquisa e ela me contou um pouco sobre sua vida; disse que era babá e cuidava de uma tia doente. Marcamos a entrevista para o sábado, 9 de março de 2012, às 14 horas. O local escolhido para a coleta de dados foi a sua residência.

Ao chegar ao endereço informado, encontro Silmara me aguardando do lado de fora da casa. Mesmo ao sábado, ela estava cuidando de 5 crianças com idades entre 4 e 7 anos. Chama-me atenção os cuidados com a aparência. Silmara vestia um vestido longo com tema floral, batom vermelho, *rastafari* com mechas loira e muito perfumada. No breve momento entre minha chegada e a preparação do local para a entrevista, noto que ela é bem conhecida no bairro, quatro pessoas passam, param e conversam sobre assuntos informais do dia-a-dia. Logo, entendo o motivo, Silmara mora há 45 anos no bairro.

A entrevista teve que ser realizada na calçada de sua casa, no bairro Vila Emília. Enquanto conversava com Silmara, as crianças brincavam do outro lado da rua com alguns brinquedos. Silmara tem 51 anos, nasceu em Maringá, sua mãe era bissexual e morreu quando ela tinha sete anos, a partir de então ela foi criada por sua tia. Aos sete anos, teve a sua primeira relação sexual com homens. Aos 13 anos “eu peguei um macho mesmo, que me arregaçou” e desde então

começou a usar roupas de mulher e a “assumir o seu papel”. “Batalhou<sup>11</sup>” por 10 anos na Avenida Brasil, porém não conseguiu continuar: “Eu perdia programa porque eu não comia. Porque os homens via este negão e queria dar para mim, né?”

Desde os 30 anos, cuida de crianças. No momento cuida de 20 a 30 crianças dependendo do dia da semana. Cuida também de sua tia acamada, além de vender cosméticos e ser cabeleireira. A entrevistada tem uma rede de relações com o bairro, segundo ela, a própria diretora da escola faz indicação sobre o trabalho de babá para os pais das crianças. A entrevista fluiu tranquilamente. Após o término conversamos sobre o desenvolvimento do bairro nos últimos anos, a “zona” que ficava próximo à sua casa, os seus amores e os amigos perdidos pelo HIV. Silmara também me disse que aguarda para realizar a cirurgia transexualizadora pelo SUS.

## **Bianca**

O meu primeiro contato com Bianca foi por meio da rede de relacionamento *Facebook*, cheguei até ela por intermédio da presidente do Transgrupo Marcela Prado, Carla Amaral. Por meio do bate papo virtual, falei sobre a minha pesquisa, Bianca foi muito receptiva e de imediato me convidou para ir até o seu local de trabalho, a Secretaria do Estado da Educação (SEED), no Departamento de Diversidade, em Curitiba-PR.

Chego à SEED, às 10 horas da manhã e Bianca já estava me aguardando. Sou apresentado aos funcionários e vamos até o refeitório para realizarmos a entrevista. Sentamos na última mesa do refeitório, no local não havia ninguém. Bianca estava vestida de uma forma muito sóbria, calça jeans, blusinha, batom claro e brinco. Notei também a ausência de maquiagem e ela enfatizou: “Eu sou o mais natural possível, para ser mulher você precisa ser natural, porque a mulher é natural, são poucas mulheres que são peruas assim (risos).” A entrevista fluiu com muita cordialidade. Bianca respondeu todas as perguntas e, em alguns momentos, chegou a ficar emocionada.

Bianca nasceu na Lapa-PR, a 80 km de Curitiba, em uma família católica. Seu pai era treinador de futebol e tentava de todas as formas inserir o “filho” no esporte. Com cinco anos já sentia sua personalidade feminina: “Eu era uma menina na minha cabeça (risos). E eu achava que quando eu crescesse eu poderia mudar, na minha cabeça de criança”. Com onze anos, tentou ir para o seminário para tentar reprimir os seus desejos, porém, a experiência não a agradou. Com 15 anos, após fazer um curso de datilografia, realizou alguns trabalhos em sua cidade. Aos 23 anos, ela

---

<sup>11</sup> Termo utilizado para nomear o trabalho na prostituição.

passou em um concurso da prefeitura para agente de saúde e com o salário conseguiu cursar a graduação em matemática, na modalidade de educação à distância. Com 25 anos, passou em outro concurso, para técnica administrativa de escola e, em 2007, conseguiu ser classificada no concurso para professora da rede estadual do Paraná. Lecionou por um ano até ser convidada para integrar o Departamento de Diversidade da SEED, foi nesse período também que começou a ter contato com o Movimento Social de Travestis e Transexuais.

Bianca está com 30 anos, desde os 14, quando descobriu que anticoncepcional era hormônio feminino, começou a fazer uso. Aos 15 foi conhecer o que era a palavra transexual, porém, desde muito cedo sabia que queria ser “igual à Roberta Close”. Já tentou fazer a cirurgia de redesignação sexual em hospitais do Paraná e Rio Grande do Sul, em ambos os casos sem sucesso. Frustrada com a situação burocrática dos hospitais públicos, tentou mutilar o seu pênis com um fio dental. Após isso, entrou na justiça com o apoio de uma amiga advogada. Atualmente, ela espera pela cirurgia a ser realizada na cidade do Rio de Janeiro. Ao encerrarmos a entrevista, ainda, conversamos sobre os dilemas dos educadores, o preconceito nas escolas e sua atuação dentro do Departamento de Diversidade.

### **Adriana**

Conheci Adriana na mesa de abertura do III Workshop Trans, realizado em Curitiba, no final de outubro de 2011. Apesar de ouvir o seu relato de experiência, não consegui dialogar em um ambiente com menos intervenção externa. Isto só foi possível através de uma rede social, o *Facebook*, por mensagens em tempo real, quando expliquei a minha pesquisa e a convidei. Trocamos telefones e marcamos a entrevista para o dia 13 de abril de 2012, às 14 horas e 30 minutos, em seu apartamento na cidade de Curitiba. Ao chegar a sua residência no dia marcado, Adriana estava estendendo roupas. Enquanto isso conversamos sobre o movimento social trans e a vida de profissionais da educação. Adriana utilizava um vestido e estava fazendo hidratação em seu cabelo.

Logo em seguida, ela me mostrou o seu apartamento, comentei sobre a bela visão do centro de Curitiba que ela tem de sua janela. Ela me ofereceu um café e iniciamos o nosso bate-papo. O local escolhido foi uma mesa de jantar localizada na sala. Enquanto realizávamos a entrevista, tomamos café e fumamos alguns cigarros. Adriana tem 30 anos, se identifica como transexual, nasceu em Curitiba e é professora de História na rede pública de educação da cidade. Ela afirmou

que desde criança se via como mulher e somente aos 15 anos, na puberdade, começou a notar que era um homem com o aparecimento de pelos e o engrossamento da voz. Aos 17 anos, depois de já ter começado a adotar um visual mais feminino, começou a tomar hormônios escondida de sua família, aconselhada por uma travesti conhecida do seu bairro.

Com 17 anos também iniciou a faculdade de Estudos Sociais, com licenciatura plena em História e Geografia. Aos 19 anos já lecionava aulas de História por meio do Processo Seletivo Simplificado (PSS) e durante quase todo este ano teve de trabalhar utilizando seu nome masculino devido ao preconceito da direção. Aos 24 anos saiu da casa de sua família e foi morar com o seu namorado, relacionamento que, infelizmente, não deu certo. No entanto, ela continuou morando no apartamento. Afirmou nunca ter tido experiência nenhuma com a prostituição, somente começou a ter contato com as profissionais do sexo após o início de sua participação no movimento social de travestis e transexuais.

A entrevista teve duração de 47 minutos. Durante todo o período, Adriana foi muito gentil e atenciosa, não relutou em responder nenhuma pergunta e se mostrou preocupada com a qualidade dos dados informados, sua objetividade nas respostas e a utilidade de seu depoimento para a dissertação. Ao término da entrevista, voltamos a dialogar sobre as dificuldades da educação, o preconceito velado, os dramas do amor, a vida noturna Curitibana e sua amizade com as trans do movimento social. Adriana também me convidou para voltar à Curitiba para conhecer o trabalho do Transgrupo e as outras meninas e eu digo que ficarei feliz em revê-la novamente.

### **Aline**

Conheci Aline ainda criança. Apesar de não termos sido amigos próximos, tínhamos alguns colegas em comum. Em 2009, conforme já mencionado, a entrevistei pela primeira vez para a iniciação científica. Nesse período, ela estava cursando a graduação em Moda, em Presidente Prudente e, iniciando a terapia hormonal. A segunda entrevista foi realizada para esta dissertação no dia 29 de julho de 2012, às 10 horas e 30 minutos, em minha cidade natal. Devido às dificuldades na relação com sua família, não foi possível entrevistá-la em sua casa. Como era feriado municipal, resolvi realizar a entrevista na casa de minha tia, pois todos os moradores da casa estavam reunidos na residência de minha mãe. A entrevista fluiu tranquilamente, ao término conversamos sobre as dificuldades de viver em uma cidade pequena e os planos futuros.

Aline viveu sua infância e adolescência em Paulicéia-SP. Desde muito cedo notou a sua diferença com relação aos outros garotos: “quando eu era uma criança, eu já era flamboyant<sup>12</sup>, sabe? Eu já era saltitante, eu já falava cantando, dava gritinhos”. A sua relação com o feminino sempre foi muito intensa. Aline nunca teve prazer nenhum em utilizar roupas masculinas, assim, quem escolhia as suas roupas eram seus familiares. Contudo, sempre tinha guardadas em seu guarda-roupas algumas “fantasias” para serem utilizadas em momentos a sós, esta foi uma das saídas encontradas para viver, temporariamente, sua feminilidade. Na puberdade, temia as mudanças corporais, assim, após descobrir que anticoncepcional era hormônio feminino, começou a tomar escondido o medicamento da mãe ou pedia para as amigas mais próximas comprarem nas farmácias da cidade.

Sua relação com os transgêneros, inicialmente, deu-se de forma ambígua. Tinha admiração, ao mesmo tempo em que guardava um sentimento de pavor e preconceito e, assim como Bianca, tinha Roberta Close como um dos seus primeiros exemplos. Aos 17 anos, ao sair de casa para iniciar a faculdade, começou a praticar com mais frequência incursões à indumentária feminina e iniciou suas primeiras transformações corporais. Aline nunca se prostituiu e acredita que isso só foi possível devido ao auxílio da família, que mesmo se colocando contra os seus desejos em alguns momentos, nunca deixou de dar apoio financeiro e afetivo, principalmente em relação a sua educação e formação profissional, “o pouquinho de apoio familiar que eu tive, eu já obtive respostas, para falar não, não faça isso, não coloque isso na sua cabeça, você tem uma casa, você tem educação, você não foi expulsa de casa, entendeu?”.

Aline se reconhece como transexual e tem planos de fazer a cirurgia de redesignação sexual somente após a sua estabilidade psicológica, financeira e afetiva. No momento, a relação com a família é “muito boa, assim, tirando por parte da minha irmã, né? Porque ela tem uma cabeça totalmente diferente, mas pelo resto da família, assim, eu sou muito querida.” Após concluir o curso de moda em 2011, Aline voltou para casa dos pais, atualmente está fazendo um curso de costura e tem planos de ir morar em São Paulo

## **Juliana**

Conheci Juliana por meio da lista de telefones disponibilizada pelo Transgrupo Marcela Prado. Em nossa primeira conversa ela foi muito receptiva ao contato, expliquei quais eram os objetivos da pesquisa e ela concordou em dar um depoimento. Marcamos a entrevista para o dia 4

---

<sup>12</sup> Extravagante.

de julho de 2012, às 15 horas e 30 minutos, em sua residência, em Apucarana-PR. O entusiasmo da entrevistada era evidente. Assim que cheguei ela já me aguardava no portão de entrada da casa. Juliana mora em um bairro periférico da cidade, sua casa fica aos fundos de um comércio, composta por sala, cozinha e banheiro. Inicialmente, conversamos um pouco sobre minha pesquisa, o movimento social trans e sobre Carla Amaral, grande amiga de Juliana. O local escolhido para a nossa conversa foi a mesa de jantar na cozinha.

Juliana tem 34 anos, nasceu em Jardim, Mato Grosso do Sul, filha de uma família desfavorecida economicamente. Foi adotada aos 5 anos por uma família de fazendeiros de Campo Grande-MS. Desde a tenra infância se via diferente dos outros meninos, se sentia feminina, gostava de brincar com as meninas e era vítima de chacotas por parte dos outros meninos da escola. “Eu pensava, eu gosto de menino, vou namorar um menino, quando eu ficar grande o pinto vai cair, olha minha cabeça, o pinto vai cair e eu vou virar mulher, de certo é isso o que acontece.” Seu primeiro contato com pessoas trans foi por meio do show de calouros de Silvio Santos, posteriormente, conheceu algumas travestis de sua cidade no caminho de volta da escola. Porém, acreditava que elas eram mulheres.

Certo dia, aos 11 anos, voltando da aula, Juliana conversou com Renata, uma travesti que fazia programas, próximo à escola. Renata urinou em frente à ela, o que a deixou-perplexa com a existência do pênis. Renata disse a Juliana que ela podia tornar-se igual a ela, bastava ela querer. O “garoto” ficou empolgado com a situação e fugiu com ela após alguns dias. Renata e sua outra amiga travesti, Luciana, viajaram com Juliana para Santos, onde, aos 11 anos, começou a tomar hormônios e a fazer programas. Aos 14 anos, já com um corpo feminino, ela voltou para Campo Grande para reencontrar sua família. Esta, ao vê-la, não aceitou a situação. Seus pais revelaram a Juliana que eles não são seus pais biológicos. Juliana vai atrás de sua família biológica, que também não a aceita. Desse modo, ela passa a viver da prostituição, tornando-se viciada em álcool e drogas, até sofrer um acidente, em 1999, situação que ela afirma tê-la feito repensar as suas ações.

Após o acidente, Juliana deixou a vida de prostituta, reabilitou-se dos vícios, reencontrou a sua mãe biológica, tornou-se evangélica e mudou-se para Apucarana-PR. Na cidade, conseguiu emprego em uma *lan-house*, após 2 anos abandonou este emprego e começou a costurar para algumas confecções. Atualmente, Juliana continua desempenhando esse trabalho. Tem um namorado e pretende se casar em breve. A entrevista teve duração de 80 minutos. Após o término da entrevista, Jú me levou para conhecer o seu antigo trabalho na *lan-house*.

Realizadas as apresentações, no próximo capítulo analiso as informações coletadas nas entrevistas. Os conceitos de Pierre Bourdieu são utilizados para compreender as subjetividades trans.

## OS CORPOS FALAM: CONSTRUINDO CORPORALIDADES E DESESTABILIZANDO OS GÊNEROS.

### **Meu corpo, minha identidade: trajetórias e produção de subjetividades**

*“Tendo apenas uma existência relacional, cada um dos dois gênero é produto do trabalho de construção diacrítica, ao mesmo tempo teórica e prática, que é necessário à sua produção como corpo socialmente diferenciado do gênero oposto (sob todos os pontos de vista culturalmente pertinentes), isto é, como habitus viril, e portanto não feminino, ou feminino, e portanto não masculino. A ação de formação, de Bildung, no sentido amplo do termo, que opera esta construção social do corpo não assume senão muito parcialmente a forma de uma ação pedagógica explícita e expressa.”*

(BOURDIEU, 2010, p.34)

Na primeira seção desse capítulo as subjetividades das trans entrevistadas são analisadas a luz dos conceitos de Pierre Bourdieu. O corpo produz materialidade aos gêneros. Assim, Bourdieu (2010) mostra que as formas do masculino e feminino são inscritas no corpo por meio de ações pedagógicas orientadas pelo *habitus*. Compreendemos o *habitus* como as estruturas objetivas incorporadas pelos sujeitos no processo de socialização que auxiliam as suas escolhas subjetivas. São elas que ensinam como vestir, andar, comportar, gesticular, olhar, etc. Assim, esses modos de ser e estar no mundo definem duas formas distintas de *habitus*: o masculino e o feminino em uma relação de complementaridade e oposição.

Bianca ajuda a compreender essa oposição ao ser indagada sobre o que é o feminino. Ela me diz: “Acho que algo mais delicado, mais sensível.” A delicadeza referenciada por Bianca não é natural, mas construída por meio da incorporação das feminilidades. Portanto, não é a natureza biológica que define os modos de ser e estar no mundo, mas o processo de aprendizado do *habitus*. Neste sentido, a fala de Clarisse é emblemática: “Então, a gente fala que vai aprendendo. Aprendendo as boas maneiras, os bons gesto, bom costume e isso futuramente é o que faz a gente ser o que é.” Portanto os modos de ser mulher apresentado pelas trans são a exteriorização das estruturas interiorizadas. É por meio desse processo que criam-se subjetividades. Logo, estes modos

de comportamento não são os mesmos para todos os sujeitos, pois são as experiências individuais e suas relações com o capital cultural que vão criar subjetividades distintas.

Assim, por mais que os sujeitos desta pesquisa compõem uma identidade social, suas experiências produzem subjetividades, diferenças. Portanto, não pretendo criar coesões discursivas entre eles – apesar delas também existirem – mas mostrar principalmente as rupturas, os diferentes modos de incorporar e vivenciar a experiência trans.

Para Bourdieu (2007) o capital cultural, ou seja, o acúmulo de cultura, recursos e competências são adquiridos por meio do tempo, das experiências, assim, ele não pode ser transmitido instantaneamente, não pode ser acumulado para além da capacidade de acumulação de seu portador. O autor afirma que a sua apropriação depende principalmente do capital cultural incorporado pela sua “família”. Entendemos o conceito de família como nos mostrou a antropologia, para além dos laços consanguíneos. Daí advém a necessidade de travestis e transexuais de aprenderem suas técnicas de transformação com as trans mais experientes (PELÚCIO, 2007).

Assim, Bourdieu (2007) mostra que:

A maior parte das propriedades do capital cultural pode inferir-se do fato de que, em seu estado fundamental, está *ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação*. A acumulação de capital cultural exige uma *incorporação* que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, *custa tempo* que deve ser investido *pessoalmente* pelo investidor (tal como o bronzamento, essa incorporação não pode efetuar-se *por procuração*). O capital cultural é um ter que tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um *habitus*. (BOURDIEU, 2007, p.74-75).

Este fato ficou evidente na fala de todas as trans que dialogaram conosco, suas transformações corporais foram apreendidas por uma conhecida ou uma amiga ou uma vizinha, o que as trans denominam como “madrinhas”. Pelúcio (2007, p.7), ao estudar a travestilidade, também relatou a importância de outras travestis no processo de construção do corpo, segundo ela: “A mãe ou madrinha cabe ensinar à sua filha as técnicas corporais, a potencializar atributos físicos para que ela se torne cada vez mais feminina. Ela ensina a tomar hormônios, sugere que partes do corpo que a novata deve bombar e quantos litros pôr.” Adriana, por exemplo, começou a tomar hormônios depois de conversar com uma travesti que morava próximo a sua casa. Bianca descobriu que o anticoncepcional era hormônio feminino por meio de uma amiga travesti. Ambas no início da adolescência.

Carvalho (2009) ao estudar os estigmatizados, notou a importância do grupo para o indivíduo (res)significar sua existência e o seu estigma, citando a importância dada pelas travestis no contato com outras travestis. Para o autor, esta relação permite a possibilidade de localização social e um aprendizado individual. Neste sentido, Pinto (2007, p. 16) afirma que a “identidade são construções exigidas pelos ritos convencionais que postulam o sujeito de maneira a garantir a possibilidade do ‘nós’ a partir da significação da existência do ‘eu’”

Pollak (1992) nos diz que a construção da identidade se produz em referência aos outros, obedecendo à critérios de aceitação, de admissão, de credibilidade e da negociação direta com o conjunto de membros. “Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.” (POLLAK, 1992, p.204). Notamos, portanto, a importância do grupo para a construção das identidades, neste caso, da identidade trans. Neste sentido, recorremos a Bourdieu para entender as relações entre produções de um grupo e a existência de um determinado *habitus*, diz o autor:

O *habitus*, isto é, o organismo do qual o grupo se apropriou e que é apropriado ao grupo, funciona como o suporte material da memória coletiva: instrumento de um grupo, tende a reproduzir nos sucessores o que foi adquirido pelos predecessores, ou, simplesmente, os predecessores nos sucessores. A hereditariedade social dos caracteres adquiridos, assegurada por ele, oferece ao grupo um dos meios mais eficazes para perpetuar-se enquanto grupo e transcender os limites da finitude biológica no sentido de salvaguardar sua maneira distintiva de existir. (BOURDIEU, 2007, p. 113)

Esta maneira distintiva de existir apontada por Bourdieu também é visível na trajetória de vida das trans de nossa pesquisa. Apesar de não conhecerem os significados das palavras travesti e transexual na infância, Bianca e Aline viam em Roberta Close um exemplo a ser seguido: “Eu não conhecia a palavra transexual, eu vim conhecer com 14, 15 anos, só sabia que eu queria ser igual à Roberta Close, isso eu já sabia (risos).” O mesmo ocorreu com Juliana, contudo o seu exemplo foi o show de calouros do apresentador Silvio Santos. Deste modo, a subjetividade desejante encontra por meio da realidade o exemplo a ser seguido.

Os espaços sociais são construídos levando em consideração o capital cultural e capital econômico dos indivíduos ou grupos. Quanto mais os indivíduos estiverem próximos de uma destas duas dimensões, mais características em comum eles terão. Assim:

A cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais associados a condição correspondente

e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo (BOURDIEU, 1996, p. 21).

Portanto, apesar de estarmos analisando trajetórias de vida com inúmeras diferenças, existe algo que resguarda estas definições de grupo, elas estão inscritas nos corpos desses sujeitos e isso que os une em uma suposta identidade social. Essas práticas diferenciadoras entre os agentes sociais foram conceituadas por Bourdieu (1976) como estilos de vida, ou seja, os gostos, a inclinação a determinado bem material ou simbólico ou práticas. Portanto, “o *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas.” (BOURDIEU, 1996, p. 21-22).

Esses gostos e práticas não estão apenas ligados ao consumo – apesar do capital econômico influenciar as suas escolhas/aquisições –, mas a toda trajetória social do indivíduo. O autor utiliza como exemplo as diferenças existentes entre classes sociais, enquanto as classes populares desejam a limpeza/comodidade, as classes médias liberadas das urgências “desejam um interior quente, íntimo, confortável ou cuidado, ou um vestuário na moda e original.” (BOURDIEU, 1976, p. 4). Esses gostos vão sendo naturalizados de modo que se tornam respectivamente para as classes populares e médias, necessidades ou fantasias absurdas.

Os estilos de vida também são modos de se opor a outros grupos, de mostrar a diferença. Assim, as disposições estéticas para Bourdieu (1976) definem-se de forma objetiva e subjetiva – necessidade e distância intencional. Quanto maior a distância objetiva com relação à necessidade, maior a “estilização da vida”, já que a necessidade pode ser suprida levando em conta os gostos subjetivos do indivíduo. Esses gostos também não são aleatórios, mas fazem parte da trajetória e do capital cultural interiorizado pelos sujeitos.

Ferreira (2008) afirma que na modernidade o corpo tornou-se um operador básico na construção dos sujeitos sociais como seres individuais, realizando uma separação de configuração material entre o “eu” e o “outro”. Para o autor, essa individualização também é fruto de uma maior consciência e responsabilidade sobre a realidade corporal dos indivíduos, “estruturando uma nova economia psíquica que tende ao controle íntimo das emoções, das maneiras e das aparências.” (FERREIRA, 2008, p. 674).

Assim, o corpo é pensado, vivido e construído como um valioso objeto de diferenciação e marcação da experiência individual, possibilitando a expressão de identidades e estilos de vida.

Porém, o corpo não é mais algo cristalizado, imutável, fixo, mas material de inúmeros processos de (re)construção e de múltiplas formas de exploração. O corpo na modernidade assume o *ter* e não mais um *ser* como era característico de tempos anteriores. O corpo tornou-se matéria prima, onde se pode intervir e transformar de acordo com as subjetividades dos indivíduos. Se ainda há muitos indivíduos que se limitam a *ser* o corpo que *têm*, mantendo uma relação naturalizada, por outro lado, também existem sujeitos que o levam para além de suas dinâmicas próprias, como por exemplo, as trans. (FERREIRA, 2008)

Portanto, o corpo

Já não um valor nobre e intocável ou máquina inerte, sequer encarnação irredutível do sujeito, mas matéria-prima transitória e manipulável, disponível à construção e metamorfose do *self*; um recurso à mão de qualquer um susceptível de ser capitalizado sob as mais diversas formas, e donde há que tirar o máximo rendimento em termos de bem-estar (forma), bem-parecer (apresentação) e/ou bem-fazer (desempenho); um património pessoal que cabe a cada um modelar, explorar e gerir – numa palavra, *produzir* – da melhor forma, conforme os seus próprios interesses, gostos estéticos e valores éticos, até os limites da transcendência pessoal. (FERREIRA, 2008, p. 681).

Breton (2010) nos ajuda a entender as discussões de Ferreira (2008). Para o autor o corpo é o conjunto de elementos que o compõem, por meio da educação e de processos identificatórios com o grupo do qual faz parte. Sua transformação ocorre durante toda a vida “conforme as modificações sociais e culturais que se impõem ao estilo de vida, aos diferentes papéis que convém assumir no curso da existência.” (BRETON, 2010, p. 9). Assim, a expressão corporal é modulada pelo grupo social do qual o indivíduo faz parte, dando a forma necessária para o reconhecimento dos pares. Portanto, os corpos recebem significados quando estão relacionados à simbologia do grupo. Ao utilizarem hormônios, silicone e indumentária, as trans fabricam um corpo que seja apresentado de forma a ter relação com o seu gênero e subjetividade. Assim, a sua identidade está antes associada à fabricação de um novo corpo, do que às suas práticas sexuais.

A preocupação com o corpo e sua relação com a identidade trans podem ser percebidas na fala de Aline: “que nem estas travas meio *drags* faz, você se super lota de símbolos femininos, seião, bocão, peitão, bundão, não, sabe? Saltão, acho que você não precisa muito disso, porque você vai acabar sendo uma caricatura, e caricatura não convence, convence? Não convence”. Conforme pode ser notado, o corpo das trans anunciam a sua identidade. Aline, ao reclamar de aparências exageradas, faz uma suposta crítica à visualidade das *drag queens*, personagens que ao criar uma

aparência feminina a reproduzem no superlativo. Ela não quer ser confundida com esta “outra” identidade, por isso, constrói/fabrica uma corporeidade reconhecida como trans.

Benedetti (2005, p.71), ao pesquisar travestis, faz algumas considerações sobre este ponto, segundo ele:

[...] para uma boa *montagem*, não basta usar tal vestido ou tal sapato: o importante é ter estilo. Não se pode combinar, como me disse Lisete: “*um vestido de malha branco com uma bota preta e uma bolsa marrom. Que palhaçada: ela tava ridícula!*” (comentando sobre a roupa de outra travesti).

Assim, não se torna uma travesti ou uma transexual do dia para noite, pois é necessário o conhecimento das práticas corporais, de *habitus* e análises subjetivas para o ingresso a estas identidades. Nesse sentido, Juliana expõe em seus dilemas sobre a travestilidade e a transexualidade algumas facetas que ajudam a compreender a formação desses grupos distintos, mas com inúmeras facetas em comum. Segundo ela, foi por meio da participação no movimento social de travestis e transexuais com suas discussões sobre gêneros e sexualidades e conversando com as amigas trans que ela conseguiu definir sua identidade, Juliana me diz: “[...] eu sou travesti, porque eu gosto do meu pênis, hoje eu gosto dele, no começo eu não gostava, mas hoje eu gosto, eu me sinto bem, sou uma mulher que tem um pênis, (risos), entendeu?” O que a fala de Juliana elucida é um dos principais motivos da criação do conceito de *habitus* por Bourdieu, pois apesar de existir uma estrutura que determina o que é um sujeito trans, o *habitus* auxilia nas escolhas subjetivas dos agentes.

Assim, o corpo da travesti é resultado de um grande aprendizado corporal, fruto de uma experiência, que percebe o mundo significativo, apropriando-se de determinado estilo de vida e de todas as percepções e práticas que fazem parte dele. Sua identidade é também relacionada aos marcadores de diferença (classe, geração, raça e religião), que organiza os seus investimentos, sentimentos e comportamentos (BENEDETTI, 2005).

Se a identidade e as semelhanças se fazem na transformação do corpo, as trajetórias de vida das entrevistadas mostram os marcadores de diferença. Isso fica expresso no trabalho das trans deste estudo, ser professora, costureira e cuidar de crianças evidenciam a feminilidade que não é somente matéria corporal, mas também o *habitus* que é expresso nas profissões que historicamente foram relacionadas ao feminino.

O gênero, apesar de estar também inscrito no corpo, colabora na compreensão sobre a divisão social do trabalho. Para Silmara, são os seus afazeres domésticos que colaboram para atestar

a sua feminilidade, assim ela me diz: “Eu me sinto mulher, porque na minha casa é tudo eu que faço, tudo, limpo, cozinho, cuidado das crianças, cuidado da tia.” Nesse sentido, Clarisse nos ajuda a entender a incorporação de *habitus* por meio de suas definições sobre a travestilidade, ela diz:

Ser travesti, é ser uma pessoa como... posso dizer... É uma pessoa que vive 24 horas, eu sou feminino, eu sou mulher. Para umas é ser cabeleireiro, para outra é ser estilista, para outra é ser isso, para outra é ser aquilo.

O que a fala de Clarisse demonstra são as inúmeras possibilidades de vivenciar a experiência trans. Assim sendo, Bento afirma que:

Não existe uma “identidade transexual”, mas posições de identidade organizadas através de uma complexa rede de identificações que se efetiva mediante movimentos de negação e afirmação aos modelos disponibilizados socialmente para se definir o que seja um/a homem/mulher de ‘verdade’ (BENTO, 2006a, p. 201)

Portanto, o corpo, a feminilidade e os estilos de vida são construídos a partir das referências existentes no convívio social em um processo de negação e assimilação. Obviamente, isso não ocorre apenas com as mulheres trans, mas também com todos os homens e mulheres de “verdade”. Aprendemos desde cedo como devemos nos portar para construir uma visualidade, uma corporalidade e modos de ser generificados.

Assim, esse *habitus* também é evidente no modo de pensar os gêneros. Apesar de serem sujeitos subversivos das normas do corpo; o binarismo social ao pensar os gêneros, o processo de docilização dos corpos e o machismo também são incorporados pelas trans. Adriana, em sua fala, mostra exatamente isso:

Acho que eu sou bem binária, homem, mulher, mulher homem e os papéis de gênero bem determinados, eu não sou feminista, (risos), eu não sou. Claro que a gente busca se adequar, mas a minha expectativa enquanto mulher transexual é viver a característica de gênero feminina dentro dos padrões [...]

A fala de Adriana remete às discussões abordadas por Pelúcio (2007). Segundo a pesquisadora, um fato que lhe chamou a atenção e que lhe pareceu um paradoxo é que: “Ao mesmo tempo em que elas desestabilizam, com suas experiências, o binarismo de gênero, mantêm-se submersas em uma heterossexualidade normalizadora.” (PELÚCIO, 2007, p. 99). Esqueçemo-nos,

no entanto, que as trans são educadas em uma cultura heteronormativa e, que, sendo assim, elas tendem a reproduzi-la. Nesse sentido, Bento (2006a) é esclarecedora ao afirmar que:

Para ter mais segurança no processo de inserção no mundo do gênero, é certo que muitos tentam reproduzir o modelo da mulher submissa e do homem viril, pondo em destaque traços identificados com as normas de gênero. (BENTO, 2006a, p. 101).

Portanto, apesar de analisar sujeitos que compartilham a mesma identidade social, as trans vivenciam experiências distintas de acordo com o seu capital cultural e capital econômico. Essa faceta, mostrada por Bourdieu (1976, 1996), também é evidente na história de vida das trans desta pesquisa. Ao analisá-las é possível dividi-las em dois grupos com características de maior homogeneidade, tendo como referência o capital cultural e o capital econômico. O primeiro grupo com menores capitais é composto por Clarisse e Juliana que não tiveram apoio de suas famílias. Clarisse trabalhou como empregada doméstica e em uma carvoaria no Mato Grosso do Sul, Juliana realizou programas por um período de tempo. O segundo grupo composto por Adriana, Bianca e Aline recebeu o apoio de suas famílias e conseguiram adentrar ao ensino superior.

Esses desdobramentos fornecem pistas que evidenciam as suas escolhas de identidades entre as categorias travesti e transexual. O grupo com menor capital cultural e capital econômico se identifica como travesti. No entanto, o segundo se reconhece como sujeitos transexuais. O que nos faz pensar que, o discurso médico, apesar de patologizador<sup>13</sup> com relação às transexuais, traz legitimidade para a transformação dos seus corpos (o corpo deve ser “remediado”, neste caso operado pelos saberes médicos). Em contrapartida, o discurso que nota o corpo como construção social, que deveria legitimar as travestis, as remete ao estigma de marginalizadas, prostituídas e pobres, talvez porque ainda haja uma hierarquia entre os diferentes campos científicos (no imaginário social).

Benedetti (2005) também notou que as transexuais têm um maior capital cultural evidenciado pelo domínio da linguagem médico-psicológica. Para o autor:

Essas concepções estão relacionadas à origem de classe. As informantes que se auto-identificam como transexuais possuem, via de regra, maior escolaridade; têm, portanto, acesso à bibliografias técnicas sobre o assunto com mais facilidade e

---

<sup>13</sup> A ciência médica apesar de ser favorável ao processo de transgenitalização, entende a transexualidade (Código Internacional de Doenças (CID) – 10 F64) como uma “patologia”, nomeada como transtorno de identidade de gênero, que deve ser “remediada” pelo processo cirúrgico.

situam-se mais próximas socialmente das explicações institucionais e científicas sobre a questão. (BENEDETTI, 2005, p. 113).

Apesar desta evidência com as trans na presente dissertação, não pretendo formular verdades, até porque Silmara - que se encaixaria no primeiro grupo com menor capital - , se reconhece como transexual. Assim, pretendo fornecer algumas pistas para pesquisas futuras, pois é de entendimento que o universo social trans é marcado pela heterogeneidade. Por conseguinte, Carvalho (2009) faz uma diferenciação relevante para a discussão das identidades travesti e transexual, segundo ela:

Ser um desviante moral, como no caso de travestis, implicará no manejo e na negociação constante com a oficialidade e a constituição de redes sociais associadas a marginalidade. Enquanto, ser um desviante “mental”, como no caso de transexuais, implicará numa incorporação total ou parcial da medicalização de sua vivência de gênero que provavelmente passará por um processo de construção identitária vinculado aos saberes e práticas médicas. (CARVALHO, 2009, p.5)

No entanto, essas distintas escolhas de identidades demonstram que quanto maior a proximidade entre os capitais culturais e capitais econômicos dos indivíduos mais características em comum eles terão. Assim:

A cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais associados a condição correspondente e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo. (BOURDIEU, 1996, p. 21).

Essas diferenças também ficam expressas nas práticas utilizadas para a transformação do corpo, principalmente quando colocado em evidência o aspecto geracional. Clarisse, Silmara, Bianca, Adriana e Juliana utilizaram silicone industrial para fabricação dos seios. No entanto, Aline, de 22 anos, a mais nova entre as entrevistadas, não tem silicone, seus seios são resultados da terapia hormonal, segundo ela o motivo é o medo do resultado ser insatisfatório. Essas preocupações também foram ouvidas por Duque (2011, p. 97) ao pesquisar trans adolescentes: “Esta nova geração de travestis, quando vislumbra um peito para a composição do seu feminino, sonha com as próteses de silicone.” (DUQUE, 2011, p. 97).

Assim, as posições tomadas no espaço social por meio do capital econômico e capital cultural produtores de *habitus* e estilos de vida criam proximidades ou distanciamentos com outros

sujeitos. O distanciamento entre sujeitos de espaços sociais distintos foi visto por meio de uma afirmação das trans com maior capital cultural e capital econômico, ela afirma referindo-se as travestis profissionais do sexo:

[...] eu fui conhecer as profissionais do sexo agora, recentemente, de cinco anos para cá, militando, que foi no movimento social de travestis e transexuais que existem muitas, porque antes eu passava longe, não tinha nenhum contato.

Portanto, apesar da trans compartilhar práticas corporais e também ser vítima dos preconceitos advindos da vivência do corpo transformado, sua posição dentro do espaço social não permitia a aproximação entre um indivíduo que não compartilhava do mesmo capital cultural e capital econômico. Contudo, essa barreira foi colocada por terra através do exercício de alteridade a partir do movimento social, que possibilitou um melhor entendimento das causas que levavam as trans para a prostituição. Essa transformação na forma de ver o mundo das travestis pela entrevistada revela uma das discussões de Bourdieu (1983) sobre o *habitus*. Para o autor, as situações novas e imprevistas podem realizar transformações duráveis no *habitus* dos indivíduos.

Assim, o que as trajetórias das trans demonstram são as inúmeras possibilidades de construção de subjetividades por meio do corpo, do estilo de vida e dos capitais acumulados no decorrer de suas existências. Também não existe um único modo de construir essas corporalidades; as disposições das curvas, as técnicas utilizadas e a identidade a ser assumida estão relacionadas com suas trajetórias em uma relação dialética. Nas próximas seções as análises tentam compreender essas diferenças inscritas nas corporalidades, os procedimentos utilizados, o papel da indumentária e suas relações com a construção do gênero feminino.

### **Como fabricar um corpo trans: indumentárias na produção de corporalidades e feminilidades.**

Considerando que as “correções” corporais e os artefatos indumentários ocupam papéis importantes na transformação e caracterização do corpo masculino em feminino, produzindo novas aparências e sentidos para o corpo, desvelo nessa seção a relação entre corpo, aparência e os gêneros por meio da análise das informações produzidas pelas trans nos procedimentos de transformações corporais, mediante o emprego de hormônios, silicone e indumentária.

Na análise das entrevistas o papel desempenhado pela medicina foi associado ao da indumentária para mostrar que a transformação e caracterização do corpo masculino em feminino, ao ocultar traços e vestígios e produzir novos sentidos para a aparência, trazem os vestígios que possibilitam entender as articulações entre corpo e gênero.

As transformações corporais são muito mais que simples mudanças na anatomia, são também pensamentos, imposições, princípios religiosos, etnia, consumo, tecnologia e modos de adequar-se ao meio social e cultural. Nesse sentido, Aline ao pensar sobre os “olhares” que são depositados sobre ela nas ruas, demonstra que “[...] o meio interfere no seu corpo, as pessoas interferem no seu corpo e os pensamentos que as pessoas vão ter.”

Assim, a criança, ao nascer, é incorporada ao meio social por inúmeros procedimentos simbólicos, como por exemplo, nomes e roupas adequadas, tendo como objetivo o nascimento social do indivíduo. Nesse contexto, Berenice Bento (2004) afirma que todos nós somos operados pelos gêneros desde que nascemos. Segundo a autora, a notícia do sexo do bebê pela mãe é acompanhada pela criação de expectativas e imagens de gênero, por exemplo, se o sexo do bebê é feminino, pressupõe-se que será uma menina que gostará de bonecas, de brincar de ser dona-de-casa, de mamãe e de professora e que a cor preferida será o rosa. O que Bento (2004) pretende dizer com estes exemplos é que o corpo da criança ao sair do ventre materno:

[...] já carregará um conjunto de expectativas sobre seus gostos, seu comportamento e sua sexualidade, antecipando um efeito que se julga causa. A cada ato do bebê a/o mãe/pai interpretará como se fosse a ‘natureza falando’. Então, pode-se afirmar que todos já nascemos operados pelos gêneros, que todos os corpos nascem ‘maculados’ pela cultura. (BENTO, 2004, p.125).

Portanto, as trans passam por uma segunda operação realizada no decorrer de toda a sua vida. Ao negar as expectativas de gênero elas constroem para si, por meio da medicina e da cosmética, um novo corpo que se aproxima da sua subjetividade. A principal meta desta transformação corporal é construir um corpo extremamente feminino. Talvez, este seja um dos principais motivos para o rechaço social existente com o corpo dos sujeitos trans. Pois, quando as trans fabricam os seus corpos, elas negam a relação entre sexo, corpo e gênero, demonstrando que o gênero é construído diariamente no longo processo de pedagogias do corpo

O processo de fabricação do feminino não permanece apenas na superfície da carne com as tecnologias médicas, mas também, na indumentária e em suas expressões. Esta inclusive é um dos primeiros processos na fabricação da feminilidade trans. Portanto, a medicina e a indumentária se

constituem para trans em instrumento transformador do seu corpo. Estes sujeitos, ao utilizar as roupas da moda feminina, contrapõem ideias, imagens e representações relacionadas à fixidez dos sexos, dos corpos e dos gêneros, as quais remetem às possibilidades de experimentação e vivência da existência distinta da instaurada socialmente. Um corpo não existe por si só, ele é sempre a reunião de significados temporais que o fundamenta como corpo (KATZ, 2008)

Nesse sentido Bento (2006a) colabora na compreensão do papel da indumentária na produção das feminilidades trans:

O gênero só existe na prática e sua existência só se realiza mediante um conjunto de reiterações cujos conteúdos são frutos de interpretações sobre o masculino e o feminino. O ato de pôr uma roupa, escolher a cor, compor um estilo, são ações que fazem o gênero, que visibilizam e posicionam os corpos sexuados, os corpos em trânsito ou os corpos ambíguos na ordem dicotomizada dos gêneros. Vestir-se é um dos atos performáticos mais carregados de significados para a construções das performances de gênero. (BENTO, 2006, p. 178-179).

Portanto, a indumentária é um dos aspectos na produção das masculinidades e feminilidades. É também por meio das roupas que informamos aos seres sociais nosso gênero. Deste modo, as sociedades produzem roupas adequadas para o masculino e o feminino. Conforme Kathia Castilho (2004), a moda é uma instância sociocultural que desempenha um papel significativo na modelagem de comportamentos, das ideologias, dos gostos, dos estilos de vida e das interações sociais. As aparências dos sujeitos se constituíam em fragmentos daquela instância sociocultural, permitindo entrever os limites da liberdade sob a qual elas se constroem e os movimentos da moda vestimenta do corpo, a qual é concebida como o conjunto formado pelos trajes, adornos, acessórios, os quais são sinônimos de indumentária. A moda, como produto sociocultural se materializaria e atualizaria no processo desencadeado pelas escolhas realizadas pelo sujeito, que num movimento único, absorveria suas regras e por meio delas também se constituíam.

O que Castilho afirma é que a moda pode ser concebida como “modelagem” realizada por um sujeito, por meio da indumentária. Nesta concepção de moda, o sujeito, como situado no tempo e no espaço, ao mesmo tempo em que absorve as “regras da moda”, ele as constitui também na medida em que a transforma os produtos e artefatos da moda em objetos de uso. Assim, as roupas transformam-se em próteses de gênero, Aline em sua fala ajuda a compreender esse processo:

Então, eu acho que a roupa, ela é fundamental não só na construção do meu gênero, mas também na construção da minha pessoa inteira, como eu quero que as pessoas me vejam. Porque eu não gosto de usar roupas fantasiosas, assim...

É este modo de conceber a moda que permite entender as trans como sujeitos produtores de aparências, que se apropria das roupas e dos artefatos da moda preconizados para as mulheres. Portanto, do que é socialmente e culturalmente concebido como moda apropriada para o feminino, para produzir versões para o feminino, com os conteúdos de feminilidades atribuídos pelas trans.

O que as trans comunicam de diferentes formas, são os significados atribuídos para a indumentária no ato da transformação. Elas não tratam da roupa em si, como objeto de moda, mas a maneira de como as empregam para transformar e criar significados para os seus corpos. A utilização da indumentária feminina é um dos primeiros aspectos utilizados pelas trans para a transformação do corpo. Assim, Aline ajuda a compreender a importância das roupas no processo de fabricação, ela me diz:

[...] elas [as roupas] vão ressaltar aquilo que você tem de bonito, aquilo que muitas mulheres admiram em você, muitos homens vão olhar e vão: NOSSA. Muitas mulheres vão olhar e vão ficar reparando bastante porque ficam curiosas, porque ela tem um corpo mais bonito que o meu? Entendeu? Eu acho que a roupa ela resalta isso, eu geralmente não uso uma roupa que vai me deixar, me sentindo... Triste, entendeu? Com o meu corpo. Que vai me trazer um passado de roupas que eu já usei antigamente, quando eu era menino, entendeu?

Portanto, as roupas colaboram na criação de curvas, seja ressaltando partes do corpo ou escondendo atributos não desejados, afirmando a feminilidade da trans.

Nesse sentido, Martins e Hoffmann, (2007) ao enfocarem as roupas infantis apresentadas pelos livros didáticos, mostram que na sociedade e cultura as roupas usadas pelas crianças contribuem para a construção de significados masculinos e femininos sobre o corpo. As autoras afirmam que, enquanto as meninas são bem arrumadas e vaidosas, vestindo rosa, ou seja, um vermelho despido de sua raiva e erotismo, com ilustrações de flores, os meninos são mais “largados”, vestindo azul, com ilustrações de pequenos animais selvagens. As roupas e suas tonalidades deixam claro como a cultura inscreve-se sobre os corpos das meninas e dos meninos e que aspectos tidos como naturais são marcas culturais. Nesse aspecto, o que é concebido como “natural” na mulher e no homem são desenvolvidos nas crianças por diferentes mecanismos. À propósito, a concepção de que a mulher é “naturalmente” vaidosa e frágil, enquanto que o menino deve ser corajoso e agressivo, também são comunicados às crianças pelas roupas com as quais as vestimos.

Se o corpo pode ser concebido como portador de uma linguagem não verbal, ditada pela cultura, a roupa assume o papel de instrumento de controle na formação das identidades sexuais e de gênero. O que se nota é a vinculação das roupas à ideologia cultural do que significa ser homem e ser mulher, de maneira dual. Assim, Aline, ao lembrar a sua relação com as roupas em sua infância, demonstra o processo de assimilação dos gêneros por meio da indumentária. Ela me diz: “[...] então eu não escolhia minha roupa, eu deixava a minha mãe escolher, eu deixava meu pai escolher, era o que me davam assim. Eu não tinha a menor vaidade, nesse quesito de me vestir assim, de ter uma roupa masculina”. O que a fala de Aline elucida são os mecanismos de assimilação da cultura dos gêneros. Por não poder escolher as roupas que gostava (femininas) decidiu que deixaria para os seus pais selecionarem o que ela poderia utilizar.

No entanto, em sua mentalidade infantil tomada pelo “faz de conta” ela tinha momentos de felicidade: “Mas de vez em quando eu tinha umas fantasias lá guardadas, que eu adorava pôr aquilo lá assim, (risos). Começa com a toalha na cabeça quando você é bem criança, viu? Você enrola a toalha na cabeça e faz um cabelão, (muitos risos)”.

Em linhas gerais, as reflexões sobre roupas e sexo mostram que as roupas produzem padrões de masculinidade e feminilidades. Ao utilizarmos a indumentária apropriada para os nossos gêneros apresentamos nossos corpos como de homens ou mulheres. Assim, ela comunica e define os papéis de gênero. Deste modo, as roupas não só vestiriam os sujeitos, mas de certa forma os diferenciariam como sendo homens ou mulheres, desencadeando que “nada há de puramente ‘natural’ e ‘dado’ em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura.” (LOURO, 2008, p.8).

Portanto, as masculinidades e as feminilidades seriam construídas levando-se em consideração o que a sociedade define como sendo aspectos masculinos ou femininos, ou seja, um padrão construído que envolve determinados tipos de comportamentos, de sentimentos e de interesses. Padrões estes que são modelados e transformados no decorrer do tempo, construindo novos tipos de masculino e feminino, sempre levando em consideração a masculinidade como uma oposição à feminilidade (SABAT, 2001).

Na diferenciação dos homens e das mulheres, a indumentária cumpre um papel fundamental. A diferença na indumentária dos homens e das mulheres é um dos motes dos estudos da história da moda. A tese de Hollander (1996), é a de que a diferença entre ambos, denotaria uma história de permanências com relação à alfaiataria masculina (calças, camisas e casacos), mostrando a força, a autoridade e o vigor simbólico de uma forma visual marcada pela estabilidade. Desde o século

XVIII a alfaiataria masculina teria sido aperfeiçoada e, embora tenha passado por mudanças internas constantes, seria possível vislumbrar a força dessa permanência e de continuidade em sua forma.

Na tese da autora, “o vestuário masculino, foi sempre mais avançado que o feminino e inclinado a fazer proposições estéticas as quais a moda feminina respondeu” (HOLLANDER, 1996, p. 17). Uma das consequências apontadas pela autora é a de que “mulheres elegantes podiam parecer ridículas; homens elegantes, nunca” (HOLLANDER, p.151), aspecto que, de certo modo, remete ao papel da moda no seu relacionamento com as mulheres, tornando-as mais frágeis e suscetíveis aos seus apelos e influências estéticas.

John Harvey (2004) permite estender a contribuição da alfaiataria na construção de representações para o poder dos homens. Ao recuperar a trajetória do uso da cor preta na sociedade ocidental, mostra como esta cor, relacionada ao luto, passou por transformações no mundo contemporâneo que vieram a constituí-la em representativa e, por que não dizer, designativa do poder masculino. Os ternos, em suas múltiplas versões de calças, camisas, paletós, gravatas e, com foco principal na cor preta, pode ser tomada, portanto, como revelador do que é afirmado por Alison Lurie (1997, p. 328): “O vestuário masculino sempre foi desenhado para sugerir o domínio físico e/ou social”.

Hollander (1996), ao estudar as diferenças que as roupas produzem nos sexos, notou que a agitação atual com as trans no vestuário, demonstra como separamos a indumentária de forma binária, apesar da ocorrência de homens e mulheres utilizarem as mesmas peças em inúmeras ocasiões. As reflexões de Oliveira ajudam a entender esse ato de transformação do corpo pela indumentária:

Assim, o sentido de uma roupa só se completa ao vestir num corpo quando, o que determinamos por um sintagma composto, o corpo *vestido* assume a sua plena competência para atuar. Pelos seus atos, o corpo vestido realiza a sua grande performance em situações concretas do seu contexto social que é a de produzir uma visualidade para o sujeito. (OLIVEIRA, 2008, p.93).

As roupas colaboram na construção de uma imagem feminina para a corporalidade trans e desta forma também produzem um estilo que as inserem em uma classe social. Desse modo, gênero, etnia e classe social produzem visualidades distintas. Aline, modista, tem dimensão desta faceta, ela costura em seu corpo o seu feminino:

Eu acho que as roupas, elas são muito importantes principalmente no fator social, para as pessoas pegarem e verem: Olha, ela é uma mulher, ela está vestida com uma roupa de mulher. As pessoas vão ver e vão ter que te respeitar como uma mulher, então, eu acho as roupas muito importantes. As roupas não demonstram só sua sexualidade, elas demonstram também o seu estilo, seu caráter, né? Porque se você está com uma roupa vulgar em um lugar que não pode... Uma roupa vulgar vão ver que você é uma pessoa mais baixa, classe social, entendeu? Que grupo você pertence.

Portanto, as roupas não são utilizadas apenas para produção da feminilidade, mas também para a identificação de um estilo. Assim, existem diferentes maneiras de utilizar a indumentária. Tal afirmação tornou-se patente através do modo com que cada trans produz sua feminilidade por meio das roupas. Bianca por exemplo, por ser professora e ter uma subjetividade voltada ao trabalho, acredita que deve prezar pela “naturalidade” de suas vestimentas:

Eu sou uma mulher que naturaliza... Eu gosto assim de ser bem natural, assim... Até, tanto que eu não uso maquiagem, só quando eu vou sair para noite, sabe? Eu não acho muito legal, sabe? Eu sou o mais natural possível. Para ser mulher você precisa ser natural, porque a mulher é natural, são poucas mulheres que são peruas assim, (risos).

O mesmo não ocorre com Aline, pertencente a classe média e no início da juventude, para ela o importante é ser delicada: “Eu gosto de coisas mais delicadas, mais fofas, *toyart*, eu gosto de... Lacinhos, de moranguinhos, cerejinha, eu gosto de coisa bonitinha, entendeu? Assim, eu gosto de pérola, de joia também, eu gosto de coisa mais de mulher também.” Silmara também realiza considerações nesse aspecto e é enfática, sua visualidade deve “causar”, para ela “tem que andar chique, ué! Mesmo que a gente não anda chique, mas a gente engana a moda, né?” Para Clarisse as roupas com muitos decotes estão no passado: “[...] hoje eu estou usando, fazendo a linha senhora, (risos). Aquilo que muita gente chama de senhora, (risos), (risos)...”

Então, não existe uma única forma de construir uma visualidade e uma identidade trans, pois, as subjetividades e os marcadores de diferença vão modelando os gostos e produzindo estilos de vida. Portanto, as roupas também demonstram diferenças de classe social, geração e ocupação profissional. Berenice Bento ao discutir a produção de feminilidade por meio das roupas nos ajuda a compreender as relações entre a estilística corporal e os gêneros:

Não existe um processo específico para constituição das identidades de gênero para os/as transexuais. O gênero só existe na prática, na experiência e sua realização se dá mediante reiterações cujos conteúdos são interpretações sobre o masculino e o feminino, em um jogo, muitas vezes contraditório e escorregadio, estabelecido com

as normas de gênero. O ato de pôr uma roupa, escolher uma cor, acessórios, o corte de cabelo, a forma de andar, enfim, a estética e a estilística corporal, são atos que fazem o gênero, que visibilizam e estabilizam os corpos na ordem dicotomizada dos gêneros. Também os/as homens/mulheres biológicos/as se fazem na repetição de atos que se supõe sejam os mais naturais. A partir da citacionalidade de uma suposta origem, transexuais e não-transexuais igualam-se. (BENTO, 2006a, p. 28)

Se não existe uma única forma de demonstrar o gênero por intermédio das estilísticas corporais, os acessórios – pulseiras, tornozeleiras, brincos, bolsas, colares, entre outros – colaboram também na fabricação de distintas feminilidades. As trans, ao se utilizarem dos acessórios, mostram suas interpretações sobre o feminino. Ao indagar Silmara sobre os seus usos, ela colabora para o entendimento desta problemática:

Ah, brinco, colar... Colar de vez em quando eu uso, mas eu uso mais brinco, quando eu saio mesmo, eu não saio assim, completamente diferente, né? Eu estou assim porque eu estou em casa, aí põe uma bolsinha do lado, passa um batonzinho, um lapisinho para dar um tcham, um óculos escuro, né? Passa batido, uns anel no dedo, uma tornezeleira, um tamanquinho de salto, passa batido, os outros pensam que é mulher, (risos).

Na fala de Silmara é evidente a utilidade dos acessórios na fabricação de sua corporalidade. Ao afirmar que “passa batida” pelo olhar das outras pessoas, ela quer mostrar que os acessórios contribuem na construção de sua visualidade. Eles reafirmam seu lugar na esfera do que é feminino e traz concretude a sua subjetividade.

Clarisse também nos ajuda compreender a utilidade dos acessórios, em sua fala, inclusive, ela evidencia as mudanças ocorridas pela revolução feminista e homossexual nas utilizações de acessórios e as relações na produção de gêneros. Clarisse relata:

Eu acho bonito, eu gosto, como diz, eu me sinto bem com eles, adoro anel, gosto de pulseira, né? Dessas... Coisas... Porque hoje o mundo que nós vivemos não é só mulher, traveco, feminino que usa acessório, né? Então hoje você tem que ver o que você gosta, o que você se sente bem. Antigamente, aí um anel, é mulherzinha. Ah, um homem que usa brinco é gay. Um homem tatuado é malandro. Então, as coisas estão mudando e os acessórios são gosto [...]

Nesse sentido, Sant’Anna (2008) demonstra que o movimento feminista e o homossexual trouxeram transformações importantes nas concepções de gênero. Esses movimentos trouxeram à tona discussões sobre as formas tradicionais de tratamento da masculinidade e da feminilidade, propondo novas interpretações do “que é ser homem” e do “que é ser mulher”. Para a autora

ocorreu uma rearticulação nas classificações de gênero, possibilitando novas manifestações do feminino e do masculino.

Nesse sentido, o homem heterossexual teve de repensar o seu papel dentro da família e na relação com as mulheres, transformações estas que muitas vezes ainda lhe traz inquietações. Se antes a masculinidade era construída em oposição à homossexualidade passiva e à impotência, o mundo contemporâneo é marcado por outras leituras do masculino e do feminino. Assim, as mudanças processadas a partir da década de 90 vêm possibilitando que os homens manipulem mais elementos na constituição visual, por exemplo, os elementos citados por Clarisse: brincos, anel e tatuagens (SANT'ANNA, 2008).

Assim, o que se nota na atualidade é uma maior utilização de indumentária masculina pelo público feminino sem que haja a perda da feminilidade, por exemplo, o uso de calças, paletós, chapéus, entre outros itens do guarda roupa masculino. No entanto, o uso dos itens da indumentária concebidos como pertencentes às mulheres pelos homens, são consideradas transgressões visuais. A imagem global masculina é da boa saúde e boa forma, e os detalhes pouco interessam. O homem não precisa se preocupar com técnicas para valorizar a boca, os olhos ou o nariz, o que conta é o todo e seu aspecto de jovialidade (SANT'ANNA, 2008).

Logo, a imagem do homem permanece associada à manutenção da juventude e da beleza, o mesmo não acontece com a mulher. Há uma valorização das partes de seu corpo e para cada uma é atribuído um significado e determinadas técnicas para destacá-las, tais como produtos específicos para boca, olhos, pele, sobrancelhas, etc.; visto que o modelo de feminino se baseia em uma observação detalhada, o que propicia também um processo de comparação com outras mulheres (SANT'ANNA, 2008).

Conforme discutido nesta seção, a indumentária e os acessórios são utilizados para modelar e dar representações ao corpo transformado, inserindo as trans em um estilo específico e uma classe social. A fabricação da feminilidade, portanto, não passa somente pelo corpo, mas na utilização de indumentária, cosméticos e acessórios. Nesse sentido, Helio Silva (1993, p.37), ao abordar a importância da indumentária para as travestis, mostrou que “o principal trabalho do travesti é a correção de sua própria natureza. Ele tem do toureiro a coragem viril e intemorata, associada à delicadas e femininas preocupações com a aparência e o vestuário”.

Oliveira (2008, p.95) nos ajuda a entender as afirmações de Silva (1993) e mostra que “a visualidade do corpo e seu cinetismo e a da roupa e sua cinética, [...] não são feitas separadamente, mas, pelos seus modos de interagir, que são os modos de transcrição da aparência.” São estas

preocupações que o ato de vestir das trans obedece. Assim, as trans, ao utilizarem a indumentária, constroem expressões de feminilidades. Demonstrando que o corpo e as roupas apresentam os seres sociais, são eles que dão sentido aos papéis atribuídos aos homens e mulheres. Quebrar com roupas apropriadas para cada sexo pode ser o caminho para produção de novas representações sobre os corpos e os gêneros.

### **Os hormônios e o silicone: “construindo o corpo dos meus sonhos.”**

Além da indumentária como linguagem corporal, outro elemento fundamental na produção das aparências das trans é a utilização dos conhecimentos da medicina, como os hormônios e as próteses de silicone. São estes atributos que transformam o corpo biológico masculino em sua materialidade feminina. Os corpos hormonizados dão sentido aos desejos desses sujeitos, o silicone colabora na produção das curvas reconhecidas como características das mulheres. As plásticas também são utilizadas para produção destas corporalidades, no entanto, nenhuma das trans deste estudo havia realizado esse tipo de modificação corporal, talvez devido aos altos custos destes procedimentos.

A importância das roupas nas construções de feminilidades caminha paralelamente às transformações corporais. Assim, Aline me disse: “Às vezes eu tenho crise de identidade mesmo, a roupa ela não vai me trazer conforto, entendeu? É um conforto que não é permanente. Porque pelado você continua sendo uma mulher”. Podemos notar no discurso de Aline a necessidade e importância que hormônios, próteses e indumentária têm para a construção do corpo trans. Estes três fatores caminham juntos para a efetivação da feminilidade. A afirmação da entrevistada é elucidativa, seu corpo é feminino e as roupas colaboram na produção da visualidade criada.

Os hormônios e próteses são vistos como rituais de passagem, pois são por meio deles que o corpo biológico masculino toma formas femininas e comunica a corporeidade trans. Nesta pesquisa todos os sujeitos afirmaram que começaram as intervenções corporais antes ou durante o décimo oitavo ano de vida, primeiramente com a indumentária e/ou ingestão de hormônios. As próteses de silicone são colocadas depois e nem todas optam por essa modificação corporal, por motivos que ainda serão explicados nesta seção.

Os hormônios são responsáveis pela produção de uma estrutura corporal feminina: curvas, coxas e ancas largas. Nesse sentido, Clarisse me disse: “Primeiramente ele me deu uma estrutura gorda, engordou a gente, né? Deixou o corpo... Foi engordando o corpo... Eu acho que foi... E

depois ele foi estruturando, foi mais assim eu digo, foi na base da cintura e da... E da cintura para baixo.” Nesse sentido, Benedetti (2005), ao estudar as travestis brasileiras, notou a importância da utilização de hormônios como status privilegiado entre este grupo. Segundo o autor, é este o aspecto transformador do corpo que gera o ingresso nesta identidade social e o reconhecimento dos outros membros do grupo.

Os hormônios, além de acarretarem mudanças na corporalidade, também realizam alterações na voz. Silmara me disse o seguinte:

A voz ficou mais fina, tem vez que falo no telefone, que as pessoas pensam que eu sou mulher mesmo, tem uns que já conhecem, né? Mas tem uns que não passam não, tem uns que falam, que voz macia, não sei o que. É tudo o hormônio, o hormônio deixa sua voz afeminada, né?

Aline começou a tomar hormônios depois de fazer pesquisas na internet e conversar com algumas amigas estudantes de enfermagem. Por um período de tempo, também tomou medicamentos herbais receitados pela sua endocrinologista, no entanto, eles não surtiram efeitos. As alterações acarretadas pela utilização de hormônios podem ser notadas na fala dela:

Aí, uma pele de mulher mesmo, diminuição de pelos, mentalmente, eu sou mais sossegada, digamos assim, em relação a sexo, em relação a... Você fica muito emocional, emotiva, eu fico com o TPM, às vezes eu tenho raiva dos homens, entendeu? Às vezes eu choro, às vezes eu fico pensando demais, entendeu? Assim... Aí, não tem problema nenhum assim, tem dia que você está super normal, de bom humor... As pessoas falam: É o hormônio te deixando meio doida, assim...(risos)... É isso, as transformações... As transformações corporais é a gordura no corpo, fica com um corpo bonito, com uma pele bonita e... É mais isso assim, não sei se o cabelo cresce mais rápido, a unha cresce mais rápido, mas também é porque você vai começando a se cuidar mais, você vai fazendo coisas que vai te deixar mais atraente como mulher, então isso soma, né?

A fala de Aline é emblemática para compreender as transformações advindas com a utilização de hormônios, para ela as transformações não são apenas corporais, como também, trazem características emocionais femininas que contribuem na produção de sua subjetividade de mulher. Benedetti (2005, p. 80) afirma que “poderíamos pensar nos hormônios como os elementos que estabelecem a mediação entre o físico e o moral, na medida em que agem sobre o corpo (percebido como uma realidade físico moral) e produzem efeitos tanto de ordem física quanto moral.”

Adriana me disse que começou tomar hormônios dos 17 para os 18 anos no intuito de parar as transformações da adolescência e escondida dos seus pais, porém, eles trouxeram transformações no seu corpo que não conseguiam mais ser ocultadas:

[...] porque a gente começa a ficar diferente com os hormônios, ai minha mãe percebeu. Ai eu contei para mãe e a mãe escondeu do pai, ai foi aquela briga toda em casa, que eu nem sei como aconteceu. Eu só sei que era uma situação bem desagradável, mas não lembro, faço questão de não lembrar, sabe?

Adriana toma hormônios há 12 anos e não pretende parar o tratamento. Segundo ela: “Eles têm a capacidade de alterar o funcionamento do organismo, inclusive da mente também, eles alinham não 100%, mas eles conseguem alinhar a mente ao corpo.” Na fala de Adriana fica evidente a importância desses medicamentos não só para a fabricação da corporeidade feminina, mas também para o “sentir mulher”. Assim, os hormônios colaboram na produção do corpo e do gênero feminino.

Juliana foi a que começou mais cedo, aos 11 anos, iniciou o tratamento hormonal e desde então não parou, apesar de ter diminuído a ingestão das doses. Para ela os hormônios trouxeram alteração em todo o seu corpo. Mudou o

[...] seio, quadril, bunda, perna, cresce tudo, não deixa criar pelo, não deixa ter... Nada masculino, né? Corta a musculação tudo, porque é uma transformação que começa aos poucos e vem de dentro para fora, quando você vê começa aparecer os seios, o seu quadril começa a crescer, a sua bunda começa a ficar durinha, a ficar redonda igual à de mulher.

A terapia hormonal é percebida como um dos principais elementos na construção da corporalidade. Ao indagar Juliana sobre a importância dos hormônios, essa afirmação ficou evidente, ela me disse: “Eu acho que tudo, ele veio ajudar a calhar, porque eu já me sentia feminina, daí ele ajudou mais, ele só complementou na verdade, ele fez uma complementação.” A complementação que Juliana se refere está relacionada a indumentária, as próteses de silicone e os gestos, todos esses atributos caminham juntos na produção de feminilidade.

Bianca também começou sua transformação corporal com hormônios muito cedo, aos 14 anos: “eu descobri que anticoncepcional era hormônio feminino, ai, eu me comecei a me construir desta forma com 14 anos. Ai comecei a tomar anticoncepcional, pedia para as amigas minhas buscar no posto de saúde, pegava um dinheirinho ia lá e comprava e assim começou.” Segundo ela os hormônios interrompem as transformações da adolescência, eles cessaram

[...] as características secundárias masculinas, que a gente chama, né? Que são os músculos, a voz grossa e outros detalhes do corpo, assim, até a formação do próprio rosto mesmo assim, não chegou a criar... O meu corpo... Nesta fase que ia começar a criar isso, foi bloqueado pelo hormônio feminino.

Para Bianca os hormônios que são responsáveis pela sua feminilidade, “eles vão agindo de uma forma muito grande no meu corpo, tanto se eu ficar nua ninguém percebe também, (risos). Só escondendo o sexo mesmo.” A terapia hormonal é tão essencial na vida das trans que Bianca me disse que ela é necessária para o resto de sua vida:

[...] é necessário mesmo, para evitar que o hormônio masculino volte para o corpo e tal, né? Depois que faz a cirurgia eu sei que não tem perigo de voltar mais, né? Mas precisa tomar, porque o corpo precisa de hormônio, né? De algum hormônio o corpo vai precisar, então é só manter, né? Tomar em grande dose a gente toma agora, né? Tem que tomar o anti-andrógino e mais o feminino.

Os pelos também são motivos de preocupação na produção de feminilidade. Adriana me disse o seguinte: “[...] dos 17 para os 18 anos eu comecei a tomar hormônios para que não crescesse mais pelos, para que eu pudesse estabilizar... Ai eu comecei a tomar hormônios por conta própria”. Portanto, os pelos fazem parte desta visualidade e atribui sentido aos corpos. Michelle Perrot (2007, p.53) ao tratar da diferença dos sexos notou que a pilosidade faz parte desta diferenciação: “Os cabelos são considerados, com frequência, signos de efeminação.” Portanto, a barba, “significa potência, calor e fecundidade e coragem (a juba dos leões) e sabedoria. Deus Pai é representado como barbudo, como Abraão seu substituto.” (PERROT, 2007, p.54). Se a barba representa o masculino e as masculinidades, as trans fazem de tudo para eliminá-la, em contrapartida os cabelos ocupam lugar de destaque. Os cabelos são cuidados com muito esmero, por exemplo, quando cheguei ao apartamento de Adriana ela estava fazendo hidratação em seus cabelos, para ela esses cuidados são primordiais para efetivação de sua feminilidade.

Bianca, ao relembrar de sua infância, conta os problemas enfrentados para não ter os seus cabelos cortados. “Eu só não gostava que cortava o meu cabelo curto, chorava, gritava, abria a boca...”. Silmara vê no estilo e negritude de Zezé Mota, um exemplo a ser seguido, por muito tempo utilizou *black power*, no momento adotou o estilo rastafári com mechas loiras. Neste aspecto, é importante lembrar o que diz Perrot (2007, p.55) sobre os cabelos da mulher: “os cabelos são a mulher, a carne, a feminilidade, a tentação, a sedução, o pecado”. Para a maioria das trans a retirada do seu cabelo é quase que a retirada de toda a sua convicção de pertencimento ao feminino.

Aline e Adriana me contam que na batalha contra os pelos de seus corpos, utilizam a depilação a laser para vencê-los. Adriana faz uso do procedimento desde 2003. Aline utilizou esta técnica em inúmeras partes do seu corpo: face, virilha, órgão sexual, axilas e pés. Apesar de ser nomeada como depilação definitiva, Adriana me disse o seguinte: “É uma luta assim... Porque diziam que era... Depilação definitiva, mas não é... Depois de um tempo ele reaparece.” Portanto, a retirada dos pelos do corpo também faz parte das construções de corporalidades pelas trans. O corpo “liso” colabora na produção de feminilidade. Assim, Vale (2005), ao pensar a produção do feminino trans, coopera no entendimento dessa discussão: “No ‘processo de feminilidade’, travestis e transgêneros decompõem a representação social da feminilidade e do corpo feminino em signos que são por eles apropriados e dos quais se servem em suas práticas sociais.” (VALE, 2005, p. 180). Se o corpo feminino é reconhecido socialmente pela ausência de pelos, as trans fazem de tudo para extinguí-los.

A experiência trans fornece também competência médica, ao utilizarem os avanços da indústria farmacêutica e as biotecnologias como, por exemplo, os hormônios, as trans produzem um amplo conhecimento sobre medicamentos. Aline por exemplo conhece uma infinidade de fármacos, todos já consumidos por ela:

Tomei premarin, já tomei estronilon, estou tomando ciclo primogina, já tomei muitas marcas, assim, quase todas as marcas de pílulas, assim, diane, tomei repopil, tomei até ciclo 21, tomei medroxy de progesterona, que é o provera, né? Geralmente muitas não tomam esse. Tomei perlutan, tomei merimono, eu tinha tomado outra injeção lá, mais forte que a perlutan uma vez...

Assim, a transformação do corpo masculino em feminino despende tempo em demasia, saberes médicos, dor e capital adquiridos no decorrer da experiência trans.

As mudanças hormonais não são sentidas apenas no corpo, a ingestão de hormônios femininos altera também o psicológico das trans devido às alterações repentinas no metabolismo. As trans afirmam que ele também traz gestos mais delicados. Bianca me disse que os hormônios trouxeram “a feminilidade também, eu me sentia mais feminina, mais delicada e tal, eu me sentia bem, era como uma droga para eu me sentir bem, eu tomava e me sentia bem assim, (risos)...”. Essa analogia entre hormônios e um suposto vício foi analisada por Benedetti (2005), para as trans o vício em hormônios não é um aspecto negativo, pelo contrário, denota uma atestação de sua feminilidade construída por meio desses medicamentos.

Para Silmara os hormônios não trazem apenas fatores positivos, eles também têm efeitos colaterais: “Olha, diminuiu o pelo, cai o bilau, cai, porque para gozar é terrível, não goza, goza... Mas não é aquela coisa... E também... Enfraquece os pelos, né?” Foi por esse motivo que ela deixou de utilizá-los, no entanto, ela reconhece a necessidade deles para a produção de uma corporalidade feminina:

Porque o hormônio ele ajuda encher, né? Ai então, eu parei, já faz tempo, né? Eu não sinto falta dele não. Não sinto falta. Eu não voltaria a tomar, porque eu já tenho silicone, as vezes pode até tomar, porque eles diminui os pelos, né? Mas não, está bom assim mesmo, mas os pelos não estão muito grosso, está fino...

Embora os hormônios transformem o corpo, alteram a voz, os “gestos” e impedem o surgimento das características masculinas, o silicone também é importante para essa transformação, principalmente porque os seus resultados são imediatos. Bianca por exemplo, relatou que os hormônios não resolviam todas as suas necessidades corporais.

Porque o hormônio feminino ele dá um peito muito pequenininho, tinha um peitinho de menina de 12 anos, nascendo assim e não aumenta aquilo, você toma dose cavalares para ele crescer e ele não cresce mais, ele estaciona depois que chega em uma altura, então para você ser mulher mesmo... A mulher tem peito, então você tem que ter peito, sabe? Então o peito é o mais necessário assim... E para ficar bonita mesmo, né? Dar uma cintura, você tem que ter o quadril também, o homem natural não tem quadril, né? Tem que ter o quadril.”

Deste modo, as trans buscam nas próteses de silicone a complementação necessária para a efetivação das curvas corporais. O primeiro implante de silicone foi realizado em 1962 nos EUA, de lá para cá ocorreu uma enorme popularização desse procedimento no mundo e em todas as classes sociais brasileiras. O Brasil é o segundo país com o maior número de cirurgias de implante de próteses, perdendo apenas para os EUA<sup>14</sup>. Geralmente as trans realizam este procedimento com as *bombadeiras*. As *bombadeiras* são travestis que aprendem a injetar silicone industrial em diversas partes do corpo no intuito de criar curvas. As partes preferidas pelas trans são: o quadril e os seios. Porém, “Quando Paris era o sonho de ascensão das travestis, imperava também o estilo ‘traveção’: ancas fartas, muito seio, boca carnuda, coxas volumosas” (PELÚCIO, 2007, p.110) fabricados também por meio da aplicação de silicone. Clarisse e Silmara poderiam ser enquadradas nesse tipo

<sup>14</sup> Informações retiradas em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120329\\_silicone\\_50\\_anos\\_jp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120329_silicone_50_anos_jp.shtml)

de estilo trans, ambas na faixa dos 50 anos possuem seios e ancas largas através da aplicação de silicone industrial. Clarisse me disse o seguinte sobre os fatores positivos do silicone:

O silicone é uma coisa mais rápida, o silicone ele aplicou e já...e já... Só tomar os cuidados para ele não esparramar, né? Onde você aplicou. O silicone o resultado é imediato, o silicone para nós foi o Botox de hoje, imediato o resultado. Já estou bonita, já estou charmosa, já estou gostosa, estou maravilhosa, tá entendendo? Transformou o meu corpo.

Clarisse fez suas aplicações de silicone no quadril e nos seios com duas *bombadeiras* de Curitiba. Apesar de gostar do tamanho dos seios ela gostaria de aumentá-los. No entanto:

[...] só me passa pela cabeça. Porque hoje, veja bem o seguinte, vamos colocar, 30 anos este silicone ficou injetado, aplicado. E hoje para colocar mais, você teria que fazer o que? Colocar uma prótese, né? Teria que raspar, rançar, dar um tempo e depois colocar a prótese maior e isso e aquilo, aí você vê, que as pessoas que você vê na televisão tem problemas com isso, eu nunca tive problemas com o meu peito. Nunca. Então... Se eu poderia, seria mais no peito, mas eu estou satisfeita.

Silmara também realizou aplicações de silicone com *bombadeiras* de Curitiba, “[...] porque antigamente não era qualquer um que ponhava, né?”. Ela admite também que tem medo de ter algumas complicações futuras. Devido a isso “sempre eu faço mamografia, porque não é prótese, né? Então eu faço mamografia para ver como tá, né? Fala, é só com dez anos, mais todo ano eu vou no médico, fazer, sabe?” Os cuidados de Silmara com seus seios revelam uma faceta das trans entrevistadas neste estudo, todas são preocupadas com sua saúde, frequentam médicos periodicamente, realizam exames de rotina, além dos cuidados estéticos.

Adriana e Juliana também colocaram suas próteses de silicone nos seios com travestis *bombadeiras*. Adriana, assim como Clarisse, deseja retirá-las e colocar próteses. Além do silicone, ela também realizou bioplastia em seu rosto, contudo, esse procedimento foi executado em uma clinica especializada. A aplicação de silicone industrial traz riscos para a saúde das trans, Juliana ao relatar sua experiência com o procedimento nos ajuda a entender os receios por trás dessa modificação corporal:

Tá todo mundo colocando silicone, é baratinho, aí fui, só que depois ao mesmo tempo que eu me arrependi, eu gostei, ficou mais bonitinho, tal, hoje eu quero mais, só que hoje eu tenho medo, hoje eu já não me deito com uma *bombadeira*, devido as coisas que já vi acontecer com amigas minhas que já foram a óbito e tal, eu penso assim, em juntar dinheiro e colocar uma prótese, meu sonho é ter uma prótese, eu vou pôr se deus quiser.

Os receios narrados por Juliana demonstram os perigos advindos da aplicação de silicone industrial. Apesar do risco eminente nesse processo, as trans se submetem a ele devido à falta de capital econômico para realizar o procedimento em locais especializados. Principalmente quando levado em consideração que o desejo por essa modificação ocorre no início da transformação, ou seja, no fim da adolescência, fase caracterizada pela afirmação do corpo trans e pelas dificuldades de aceitação por parte de suas famílias. Nesse sentido, Pelúcio (2007, p. 150) faz considerações importantes a respeito das políticas de saúde pública para travestis, que apesar de haver o discurso sobre redução de danos, nada é feito para alterar essa situação:

As recomendações para o não uso do silicone líquido não se fazem acompanhar de uma política de saúde que permita o acesso menos oneroso e constrangedor das travestis às próteses cirúrgicas. Assim, a Redução de Danos soa mais como uma medida paliativa, e uma forma de controle e disciplinarização, do que de preocupada tolerância. Discurso que encontra seus limites na lógica biologizante que o estrutura e na estreiteza do debate acerca dos aspectos culturais, de gênero e, sobretudo, da sexualidade, sempre vinculada ao “risco”.

Bianca também tem silicone em seus seios e quadril, executados também por uma *bombadeira*, porém, ao contrário de Clarisse, Silmara, Adriana e Juliana, ela teve complicações:

Então... Eu tenho que tirar este silicone e colocar um bom, meu peito começou a criar resistência... Como eu posso dizer... Não sei como explicar estas coisas... Deu uma infecçãozinha porque o silicone começou a reagir, meu corpo começou a reagir contra, não aceitou mais... Então eu preciso tirar este silicone, a minha pele esta também prejudicada, eu preciso tirar a pele também, construir e colocar a prótese, daí, este um sonho meu de estar fazendo, vai ficar muito caro e o SUS não cobre, né?

Apesar dos riscos que envolvem “bombar” o corpo, as trans se sujeitam ao procedimento. Pelúcio, ao discutir esta problemática, levantou dados que confirmam essa informação:

Em pesquisa realizada pela Unidas, associação formada por travestis de Aracajú (SE), constatou-se que mesmo 68% das 22 travestis entrevistadas, sabendo dos riscos do silicone industrial, e 92% delas conhecendo pessoas que tiveram problemas com o uso do mesmo, 80% fariam aplicações do produto<sup>15</sup>. (PELÚCIO, 2007, p. 259)

---

<sup>15</sup> Nota da autora: Informações divulgadas no livreto Silicone – Redução de Danos, publicado pela associação de travestis Unidas na Luta pela Cidadania.

O silicone, portanto, colabora na construção da corporeidade feminina, dando destaques à determinadas partes do corpo. Apesar dos riscos por trás desta técnica, as trans mais velhas a realizavam no intuito de materializarem suas subjetividades. Porém, essas práticas têm sido deixadas de lado pelas trans mais novas. Aline por exemplo, não tem silicone, apesar do desejo em colocá-los, sua recusa é justificada devido ao medo de complicações futuras. Duque (2011), em sua dissertação sobre travestis adolescentes, também observou essa mudança na fabricação do corpo trans, para ele:

Essas praticas têm voltado junto às novas travestilidades, há um retorno ao corpo magro e sem grandes curvas siliconadas. Silva, nos seus estudos, já apontava para uma nova geração de travestis como sendo capazes de não serem mais reconhecidos como tais, principalmente quando descontextualizados do mercado do sexo (1993:54) (DUQUE, 2011 p. 98).

Assim, com exceção de Aline de 22 anos, todas as trans entrevistadas nesta dissertação tinham aplicações de silicone industrial realizados com *bombadeiras*. Duque (2011), ao pesquisar as travestis adolescentes, notou também que elas têm deixado para o futuro a construção de peitos e quando pensam em fazê-los sonham com próteses de silicone. Aline atesta estas informações ao comentar sobre as modificações que deseja, ela me diz: “Nos seios, eu acho que só nos seios, acho que eu não colocaria próteses, eu acho que fica muito artificial. E também não tenho vontade de ter uma bunda muito grande, (risos).”

Essa nova concepção de corpo, com menos curvas e “exageros” também foi notada por Pelúcio (2007), segundo a pesquisadora: “O estilo valorizado atualmente é o da ‘ninfetinha’, mais natural – curvas mais enxutas, seios menos exagerados, roupas mais ao gosto das adolescentes que aparecem em programa televisivos como *Malhação*<sup>16</sup> – ‘fazendo a linha’ ‘patricinha’” (PELÚCIO, 2007, p. 110). As transformações nos modelos de corpo das trans deste estudo demonstram uma maior preocupação com a saúde, fruto de suas histórias de vida, seu grau de escolaridade e suas relações com a família.

Enfim, os hormônios e o silicone constituem-se para as trans em instrumentos de modificação de seus corpos. Por meio deles, elas fabricam suas feminilidades e apesar dos riscos advindos dessas técnicas de transformação, o desejo em ser mulher as impulsionam. É necessário frisar também que as trans deste trabalho diferem da bibliografia sobre profissionais do sexo,

---

<sup>16</sup> Nota da autora: Seriado voltado para o público adolescente, veiculado pela Rede Globo de Televisão, no período vespertino.

principalmente quando levado em consideração aspectos relacionados a uma maior preocupação com a saúde nas técnicas de transformação. Talvez este fato possa ser explicado devido a não participação no mercado sexual, onde as curvas são valorizadas e elevam os valores dos programas. Assim, ao produzirem os seus corpos, as trans entrevistadas neste estudo evidenciaram novas configurações para a corporalidade trans.

### **Transformando a intimidade corporal: a cirurgia de redesignação sexual.**

O corpo trans é construído por meio de hormônios, silicone, indumentária, acessórios, maquiagem e inúmeros cuidados para a ocultação das características biológicas masculinas, como pelos e barba. Alguns sujeitos chegam ao limite na construção dessa feminilidade e desejam ser cirurgiados para possuírem o órgão sexual feminino. As discussões sobre a cirurgia de redesignação é movediça, devido aos inúmeros discursos presentes. Por um lado, temos o discurso médico (psicólogos, psiquiatras e cirurgiões) e do outro, temos o das trans, constituído também por inúmeras diferenças. Nesta seção discuto o desejo da cirurgia pelas transexuais entrevistadas nesse trabalho, são elas: Silmara, Bianca, Adriana e Aline. Assim como a construção da corporalidade trans, as considerações sobre o processo cirúrgico é permeado de ambiguidades e narrativas polifônicas.

A cirurgia consiste na produção da vagina por meio do revestimento da cavidade com os tecidos do pênis. Os tecidos do escroto são utilizados para produção dos grandes e pequenos lábios e um pedaço da glândula é empregado para produzir o clitóris. Após a cirurgia, é necessária a utilização de uma prótese de modo a não fechar a cavidade vaginal (BENTO, 2006a). No Brasil, somente após esse procedimento é possível realizar a troca de documentos. No entanto, após um longo processo judicial, Carla Amaral, presidente do Transgrupo Marcela Prado de Curitiba, conseguiu a regularização sem a necessidade de cirurgia.

Aline admitiu que tem receios de passar pelo processo cirúrgico, apesar de desejá-lo. Para ela é necessário ter calma e um conhecimento melhor sobre si, além de preparo, a cirurgia será um coroamento de suas ambições, como mulher, modista e bem sucedida:

Financeiro, psicológico, apoio de várias outras pessoas, entendeu? Apoio até homem que eu vou tá, que eu gosto, porque isso importa também. Porque eu sinto assim, eu não quero perder um pouco dessa coisa que eu tenho ganhado, que foi a fantasia, não é? Que cria em torno disso. [...] Então eu penso assim, mais para frente, quando eu tiver mais amadurecida e mais adulta. Porque se eu fizer isso

agora eu não vou aproveitar muito bem, a minha vida não esta 100% arrumada do jeito que eu gostaria que estivesse, entendeu?

Silmara também apresenta uma relação de tranquilidade com a necessidade do processo cirúrgico, apesar do desejo pelo procedimento. Já realizou consultas com os psicólogos e aguarda o laudo de um psiquiatra. Admite também, que se não conseguir, não ficará abalada, afinal, já viveu 51 anos com “esse” corpo.

Berenice Bento (2006a), ao estudar o dispositivo da transexualidade, notou que a equipe médica e os psicólogos insistem na ideia do transexual como um sujeito que não consegue ter vida sexual ativa. “Caso possam, provavelmente serão diagnosticados como não-transexuais. O/a transexual oficial é quase assexuado, uma vez que não consegue tocar seus órgãos.” (BENTO, 2006a, p. 152). Contudo, Bento, por meio de suas observações de campo, nota que a ideia de um transexual assexuado é pouco provável, já que dentre todos os seus sujeitos de pesquisa apenas uma tinha dificuldades em praticar sua sexualidade. Desse modo, Adriana relata as suas dificuldades em manter sua vida sexual:

Eu não sou uma pessoa que faz sexo, por exemplo, eu não faço, pode aparecer o cara mais gato do mundo: Ai Adriana. Me xavecar o tempo inteiro, mas eu não vou fazer sexo com ele, não faço. Talvez eu consiga, ou não, eu não sei. E... Autoestima mesmo, porque é difícil você ter algo no corpo que você não quer, que não ti pertence, sabe?

Porém, o discurso de Bianca se opõe ao de Adriana. Bianca, desde os 17 anos deseja o processo cirúrgico. Já tentou realizá-lo no Paraná, onde participou por dois anos de um programa transexualizador com o acompanhamento de psicólogos e psiquiatras, entretanto, o programa foi extinto. Após esse período ela conseguiu um laudo médico para realizar a cirurgia no Rio Grande do Sul, onde teve que realizar todo o acompanhamento novamente. Devido ao fato ser natural do Estado do Paraná, o hospital recusou a realização da cirurgia. Frustrada com a situação tentou, necrosar o seu pênis com um fio dental:

[...] eu achava que eu não seria feliz se eu tivesse aquela parte do meu corpo, que eu não conseguiria arrumar um namorado, que eu não conseguiria arrumar alguém que me amasse, se eu tivesse aquela parte, sabe? [...] então minha situação era tentar necrosar e fazer com que os médicos fizessem a cirurgia na marra, (risos), já que nem queria fazer.

Depois do ato de desespero, ela conseguiu auxílio de uma advogada. Inúmeros processos foram movidos e ela ganhou uma ação na justiça onde o Estado deveria arcar com a sua cirurgia. Atualmente ela realiza o acompanhamento em um hospital no Estado do Rio de Janeiro, onde aguarda na fila para ter o seu sonho realizado. Ela me diz que ainda serão necessários pelo menos três ou quatro anos para realização do procedimento. Apesar de toda essa situação, Bianca se sente realizada e atualmente tem uma relação distintiva com o seu sexo anatômico:

Há cinco anos atrás eu não diria isso, hoje em dia depois de tudo que eu consegui eu não sinto mais a necessidade da cirurgia para ser feliz, porque eu já me sinto mulher, já sou mulher, eu não preciso da cirurgia para ser feliz, então a cirurgia vai ser um complemento, para eu poder olhar no espelho como mulher mesmo, porque hoje eu não posso olhar no espelho e a única coisa que eu não consigo fazer, (risos), tipo nua, eu não consigo olhar no espelho nua, eu tenho que olhar no espelho com uma calcinha ou com uma mão na frente, né? Porque a transexual ela tem isso, ela tem essa rejeição aquela parte do corpo, não olhar, não olhando está legal, né? Você culpa aquela parte do seu corpo pelo seu sofrimento, por tudo o que você passou na sua vida, as coisas que você deixou de viver por causa daquilo, eu deixei de viver muita coisa por causa disso, inclusive na parte amorosa.

Na fala de Bianca fica evidente a tentativa de definição de sua identidade por meio da medicina— negar seu sexo. Talvez fruto dos anos de terapia, advindos dos inúmeros programas de processo transexualizador que frequentou. Nesse sentido, Bento (2006) mostra que os discursos médicos são interiorizados pelas transexuais. Para a autora, a equipe médica tenta reorganizar as subjetividades no sentido de construir “um homem/mulher de verdade”. “No hospital, realiza-se um trabalho de ‘asessia de gênero’, retirando tudo que sugira ambiguidades e possa pôr em xeque um dos pilares fundantes das normas de gênero: o dimorfismo natural dos gêneros.” (BENTO, 2006, p. 67-68).

Bento (2006a), ao tentar entender esse processo também revela uma sugestão na qual concordo, diz ela: “Sugiro, ao contrario, que eles/as não solicitam as cirurgias motivados/as pela sexualidade, tampouco são assexuados/as: querem mudanças em seus corpos para ter inteligibilidade social.” (BENTO, 2006a, p. 25).

Aline, ao pensar sobre a cirurgia e suas relações com a população de sua cidade, nos ajuda a entender essa necessidade de inteligibilidade social:

O povo pergunta para mim: Aí, você sumiu. Sempre me perguntam: Você já operou? Que eu já estou recuperada, que eu já estou operada. Várias vezes eu vou na escola e todo mundo fala que eu operei. Eu falo: Vocês são doidos, não é assim não, eu não faria uma operação sem fazer isso e isso e isso antes. Entendeu? [...]

Apesar das tentativas de definição da transexualidade por meio do desejo pela cirurgia, as trans mostram em seus discursos que mais uma vez a teoria não consegue definir completamente a realidade. Bento (2006a) também conheceu transexuais que não desejavam a cirurgia, para elas apenas a utilização de hormônios já resolvia as suas inquietações subjetivas. Esse embaralhamento de discursos sobre travestis, transexuais e cirurgia de redesignação também foi notado por Pelúcio (2007), ela relata:

Convivi com pessoas que se identificavam como transexuais mas viviam, segundo elas mesmas, como travestis, pois se prostituíam e faziam uso sexual do pênis. Assim como estive com travestis que, em algum momento da vida, desejaram tirar o pênis; e outras que jamais tinham pensado naquilo, mas que começavam a estudar essa possibilidade mais recentemente, passando a cogitar a possibilidade de serem transexuais. (PELÚCIO, 2007, p. 35)

A relação entre os diferentes modos de conceber a cirurgia podem ser compreendidos na fala de Aline: “Eu acho assim, que a cirurgia ela antes era muito uma forma de escape, assim, tipo, que eu queria esconder isso, eu estou me aceitando mais assim, tipo, eu como uma pessoa assim, entendeu? Mulher transexual, não querer passar para mulher biológica, entendeu?”

Portanto, o que as falas das trans desse estudo demonstram são os diferentes modos de pensar, viver e sentir a experiência trans. Conforme demonstrei, não existe um discurso único para pensar a transexualidade e a travestilidade. As falas das entrevistadas demonstram a pluralidade inscrita não somente nos seus corpos, mas também nos modos de pensar o que querem e como querem esses corpos, em um exercício de produção de subjetividades. Definí-las seria uma tentativa de enquadramento para sujeitos que rompem com exatamente isso: A verdade dos corpos, dos sexos e dos gêneros. O que as trans demonstram são as práticas que produzem os corpos generificados. “A própria ideia de origem perde o sentido e a/o ‘mulher/homem de verdade’ passa a ser considerado também cópia, uma vez que tem de assumir o gênero da mesma forma: por intermédio da reiteração dos atos” (BENTO, 2006a, p. 104).

### **Estigma e preconceito: “uma palavra que resume uma trans é força”.**

*“Quando se fala em preconceito é só você conviver com ele para você saber. Enquanto você não conviver com o preconceito você não vai... Você vai falar, blá, blá, blá, blá, você vai exigir, exigir, exigir, mas na*

*realidade é só quem sente na pele, só quem passa é quem sente na pele. Uma mulher pequena ela sente o preconceito na pele, uma pessoa que tem problema psicológico, uma pessoa que tem síndrome de down vai sofrer na pele, às vezes ele não, mas a pessoa que está do lado dele vai sentir, um mendigo, andarilho, todos.”*

(Entrevista com Clarisse em 29 de fevereiro de 2012)

Outro aspecto enfrentado diariamente pelas trans é a marginalização e criminalização social de seus corpos. Quebrar com mecanismos tão importantes para a reprodução da vida social, pautada na relação sexo/gênero/desejo, dentro dos modelos heteronormativos, faz com que a maioria da sociedade tenha uma visão preconceituosa das entrevistadas. Nesse capítulo eu realizo algumas discussões sobre essa faceta da vida das trans e vislumbro algumas possibilidades para obtenção da cidadania plena. O caminho parece ser árduo, mas a história está aí para mostrar que nenhuma mudança social é realizada facilmente.

O preconceito primeiramente é vivenciado no espaço familiar. Clarisse, por exemplo, ao assumir sua identidade, teve inúmeras dificuldades com a sua mãe. Ela recorda: “Mas, minha mãe na época não aceitou, mandou embora, disse que queria ver... Se eu fosse malandro, se eu fosse um assassino, queria ver eu preso, mas não queria ver nisso aí, que não sei o quê, não sei o quê.” Contudo, o tempo lhe fez rever a sua postura, o que possibilitou o retorno do contato entre mãe e filha, inclusive estreitando os laços de amizade.

Ao perguntar à Silmara sobre o preconceito vivenciado diariamente, ela narra como as dificuldades podem tornar-se banalidades com a experiência de vida. Ela me disse: “Eu ignoro, de primeiro eu fazia escândalo, eu xingava... Hoje em dia eu desprezo, finjo que não é comigo, o que é a melhor coisa, porque discutir não vale à pena...” Apesar disso, ela admite que as coisas mudaram bastante, principalmente no bairro onde reside: “Nesta vila mesmo tinha muito preconceito, 30 anos atrás, mas hoje em dia não, todo mundo me respeita, tudo, perguntando da Silmara aqui, todo mundo me conhece, mas antigamente era barra, viu?”

Nos 20 anos dedicados ao trabalho de babá, Silmara já não se recorda da quantidade de crianças que passaram por sua casa. O respeito que Silmara adquiriu com o tempo está relacionado com a relação que ela estabeleceu com o seu bairro. Afinal, ela é/foi responsável pelo cuidar de grande parte das crianças que ali residem/iram. É por meio do cuidar que ela construiu sua feminilidade e adquiriu estima. O papel que Silmara criou para si é motivo de auto-orgulho, ela me

disse: “Eu gosto da minha vida, gosto mais da minha velhice do que da minha mocidade, na minha mocidade eu sofri muito, mais na minha velhice eu estou adorando, está do jeito que eu quero...”<sup>17</sup>

O preconceito é uma rotina na vida das trans. Assim, Bianca também narra agressões físicas de seus colegas quando cursava contabilidade, fato este que levou ela a desistir do curso<sup>18</sup>. Entretanto, a diretora da escola interveio no caso e realizou um trabalho sobre sexualidade, transformando as relações travadas dentro do espaço escolar. Ela recorda:

Depois que eu voltei tudo mudou na escola daí, eles começaram a me olhar com outro olhar. Os meninos começaram a chegar, porque eu não tinha amizade com meninos, acho que eles tinham até vontade de ter amizade comigo, mas tinham medo de ter amizade comigo e me dizer um oi para mim e os outros iam dizer que estava tendo um caso comigo, então eles tinham até medo de chegar em mim. Aí eles começaram a devagar ter amizade, conversar e daí quebrou aquele paradigma, aquela coisa, aí fiz amizade com todos e quando eu fiz a minha formatura que foi em 99 do curso de contabilidade, eu já fui com vestido longo, 17 anos eu tinha, vestido longo, mulher, eu já usava nome social na escola e os professores já me chamavam de Bianca ou pelo número de chamada mesmo, né? Eu pedia...

A experiência que Bianca teve em sua escola ainda é raridade nos espaços escolares. Apesar dos avanços em políticas públicas destinadas a pessoas LGBT's no país, a exclusão das trans nesses espaços é frequente. As escolas como instituições com objetivos disciplinares dos corpos têm um visão heteronormativa e binária. Conforme apontado por Santos (2010), os espaços escolares colaboram no processo de exclusão de travestis e transexuais, no entanto, somam-se à isso a falta de recursos financeiros e os rumos tomados pelos sujeitos trans, como por exemplo, a prostituição. Nesse sentido, as narrativas das trans desse estudo destoam da bibliografia consultada. Exemplar nessa discussão é a fala de Adriana ao lembrar sua experiência na escola e o importante apoio que recebeu de sua família, em especial a sua mãe:

[...] porque eu tinha muitos problemas com o fundamental, porque era na época o primeiro grau, de quinta a oitava série, tinha muitos problemas. O que a minha mãe fazia para eu não faltar? E me levava e me deixava dentro da escola e na hora da volta ia me buscar, então não tinha como eu faltar, não tinha opção. Daí, foi uma tortura que deu certo no final, sabe?

<sup>17</sup> As discussões sobre o envelhecimento de travestis no Brasil estão em desenvolvimento, elementar nesse sentido é a dissertação em andamento de meu amigo Rodrigo Pedro Casteleira, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>18</sup> Para entender melhor as discussões entre evasão escolar e sujeitos trans, sugiro a dissertação de minha amiga Joyce Mayumi Shimura, defendida no ano de 2012 pelo Programa de Pós- Graduação em Educação para Ciência e Matemática da Universidade Estadual de Maringá.

Para Adriana foi a insistência de sua mãe em seus estudos que possibilitou o acesso ao ensino superior e a trilhar um caminho para além do universo da prostituição. Ela tem noção dessa faceta de sua vida, ela me disse: “Talvez o grau de instrução, influencia também, eu nunca parei de estudar, eu nunca tive... Por mim eu queria parar, mas eu não tive esta oportunidade.”

Adriana, ao conseguir o diploma do ensino superior, passou a obter melhores condições de trabalho. Apesar disso, o preconceito no ambiente escolar também esteve presente em sua atuação profissional como professora. Ao lembrar o início de sua carreira como docente, ela me relatou algumas das dificuldades:

Já sofri mais, muito, bastante, principalmente no começo da minha carreira profissional, eu comecei a dar aulas com 19 anos, pensa, eu com 19 anos, dando aula para uma sétima série, (risos). Triste. Foi assim, na época tinha o Paraná Educação, que é tipo o PSS hoje, eu fiz uma provinha e passei, ai me chamaram. Você vai dar aula, tó, vai. Eu fui. Sofri muito preconceito. Imagina, eu tinha 19 anos, não existia nada que... Na época em 2003, estava começando a falar da lei 10639 dos afrodescendentes. Imagine, hoje em dia eles têm toda uma historia, mas sobre gênero e diversidade sexual nem se cogitava, estava começando a falar desta lei. Imagine esta que é uma discussão mais antiga de afrodescendentes, imagine de diversidade sexual, então eu não sabia. Aí, eu fui para escola, cheguei lá e falei: Eu sou a Adriana. A diretora: Que Adriana, o que, olha aqui, ta aqui, fulano de tal. Eu disse: Não. Acabei dando aula com nome masculino durante quase um ano.

O preconceito enfrentado por Adriana e Bianca não está presente somente na escola, mas também em outras instituições, como por exemplo, os hospitais. Nesse sentido, Bianca relata os problemas enfrentados ao necessitar de atendimento médico:

[...] eu fui no posto de saúde aqui em Curitiba, no centro da cidade, falei para enfermeira: Na hora que o medico me chamar, coloca ai entre parênteses ou em cima Bianca, para ele não me chamar pelo nome... Tal... Cheio de gente sentado esperando o médico, o medico vai lá e chama pelo nome, levanta quem? Uma mulher. E foi o que aconteceu! Ele foi e na hora de me chamar, me chamou pelo nome de homem, aquilo dá uma facada no peito assim, sabe? É a mesma coisa, sabe? Eu entrei dentro da sala e chorei, porque eu não aguento, é o nome que mais machuca mesmo, não é nem tanto mais o sexo agora, como o nome assim, o nome é pior ainda...

A questão levantada por Adriana e Bianca sobre o nome social<sup>19</sup> vem sendo reivindicada pelo Movimento Trans, apesar dos esforços não existe uma lei federal que garanta a sua implementação.

---

<sup>19</sup> Para saber mais acessar: < <http://www.abglt.org.br/port/nomesocial.php> > . Acesso em 21/01/2012.

Algumas universidades, como por exemplo, a Universidade Estadual de Maringá<sup>20</sup>, garante o direito de sujeitos trans utilizarem os seus nomes sociais nos documentos da instituição. Estados como, por exemplo, São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco garantem também a sua utilização em suas repartições. Contudo, ainda é necessária a sua efetivação em nível nacional, reivindicação esta em disputa entre progressistas e a bancada religiosa na câmara de deputados brasileira<sup>21</sup>.

A dificuldade em não ser reconhecida pelo seu nome social também foi comentada por Bianca. Ela me disse: “porque a única coisa que me dói ainda é a questão do nome, é a única coisa que me dói mesmo, que eu sinto preconceito, sinto vergonha, me machuca como mulher...” Negar os nomes sociais das trans é não reconhecer os inúmeros processos de construções de suas feminilidades, é negar as suas subjetividades, colocá-las em situação de escárnio e violência simbólica. A obtenção desse direito em nível nacional traz a possibilidade de melhores condições de convívio na vida pública e extingue as situações ocorridas com Bianca e Adriana.

Assim, ao denunciar as facetas do gênero, estes indivíduos são marginalizados na hierarquia social baseada no homem branco, heterossexual e burguês e são transformados em objetos de rechaços, inclusive pela própria família. O reconhecimento pelos familiares nem sempre ocorre, mas quando acontece traz alterações na própria relação entre os envolvidos. Foi o que me atestou Bianca ao contar sobre a relação com sua família:

Meu pai, meus avós, meus tios, primos, todos me aceitam de uma forma assim, de me defender se acontecer alguma coisa, colocam a mão no fogo por mim, eu já vi muitas vezes eles se queimarem por mim assim, sabe? De ter algum comentário e eles veem e me contam que eles me defenderam e tal e tal, eles estão ao meu favor mesmo, eu tenho todo o apoio da família assim, uma relação muito boa e todos me chamam desde os 14 anos por Bianca, inclusive meus avós, meu avô que faleceu também me chamava por Bianca, meu avô que eu tenho vivo ainda me chama de Bianca, minha avó mãe do meu pai também me chama de Bianca.

Essa aceitação e apoio que Bianca tem, foi e continua sendo um dos principais aspectos para pensar a experiência trans além da prostituição. Ter primos, tios, avós, pais, dando apoio moral e financeiro é primordial para a construção não só como Pessoa, mas também na procura pela inserção no mercado de trabalho. Além de apoiá-la, a mãe de Bianca colaborou também na produção de sua feminilidade, ensinando-a como comportar-se, como se vestir e “me tornar uma mulher mais natural.”

---

<sup>20</sup> No ano de 2012 havia apenas uma trans matriculada na Universidade Estadual de Maringá, cursando pedagogia.

<sup>21</sup> O PLC 122/2006 que criminaliza a homofobia encontra-se na mesma situação.

Esse discurso sobre a “mulher natural” é recorrente nas narrativas das trans. Foi Bianca que também me disse: “Eu sou o mais natural possível, para ser mulher você precisa ser natural, porque a mulher é natural, são poucas mulheres que são peruas assim (risos).” Duque (2011) e Kulick (2008) também observaram a repetição do termo para atestar uma feminilidade fabricada com as biotecnologias e a indumentária. As trans não desejam serem “cópias falsas”, mas mulheres de “verdade”. Daí advém a necessidade de reafirmarem discursivamente a naturalidade de suas feminilidades inscritas em seus corpos. No entanto, Bento (2006a), ao discutir a verdade dos gêneros mostra que ela não está nos corpos, mas eles são efeitos do regime que regula e cria as diferenças. Assim:

A experiência transexual destaca os gestos que dão visibilidade e estabelecem o gênero por meio de negociações e de interpretações, na prática, do que seja um homem e uma mulher. A aparente cópia não se explica em referência a uma origem. A própria ideia de origem perde o sentido e a/o “mulher/homem de verdade” passa a ser considerado também cópia, um vez que tem de assumir o gênero da mesma forma: por intermédio da reiteração dos atos.” (BENTO, 2006a, p. 104).

Portanto, ao construírem seus corpos com as biotecnologias, as trans quebram com a postura hegemônica dos corpos, dos sexos e dos gêneros. Transgredir normas sociais que estão na base do processo de socialização gera estigmas e preconceitos. As relações sociais prezam pelos padrões, aqueles que diferem ou subvertem são motivos de escárnio e/ou atos violentos. Passar por provocações, ser inferiorizadas, ridicularizadas são histórias comuns nas trajetórias de vida desses sujeitos.

Essa relação entre corpo/sexo/gênero das trans também é analisada por Duque (2011). Segundo o autor, a vergonha da homossexualidade é somada à busca pelo feminino. Assim, além de romper com a heterossexualidade que ataca a dignidade do sujeito, o rompimento com as normas de gênero produz o estigma. Assim:

As travestis são relegadas ao campo desvalorizado do feminino e, por se tratarem de homens que abdicaram do privilégio da masculinidade, têm sua identidade associada a um desvio de caráter que excede o vergonhoso e se aproxima do estigmatizável, motivo de escárnio e objeto de reações violentas. Assim, o interesse por pessoas do mesmo sexo cria a vergonha que se sofre, geralmente, em segredo, ao se sentir um estranho em um mundo apresentado como heterossexual, mas o rompimento das normas de gênero, por sua expressão pública, torna as travestis sujeitas a reações mais violentas e, no limite, estigmatizadoras do que as vivenciadas por outros homo-orientados como gays ou lésbicas. (DUQUE, 2011, p.141)

Clarisse, ao pensar o que é ser travesti, relembra os estigmas enfrentados pelas classificações realizadas pelo senso comum. Ela diz: “Todo mundo fala que travesti é aquele de repente que só batalha, né? Ou só aquele que usa drogas...”. Nesse aspecto, Goffman (1988) ao formular o conceito de identidade social, afirma que existiriam dois momentos na formulação de significados sobre os indivíduos: a identidade social virtual estaria relacionada às expectativas sociais sobre o que determinado sujeito deveria ser, ou seja, o que Clarisse nos relembra com sua fala; e a identidade social real, as categorias e os atributos que na realidade o sujeito carrega consigo. Segundo o autor, é por meio desse processo que a sociedade produz estigmas a grupos marginalizados.

Existiram também três tipos nítidos de estigmas para Goffman (1988), o primeiro relacionado às deformidades físicas e às abominações do corpo; os de caráter individual de posturas e comportamentos (crenças falsas e rígidas, distúrbio mental, vício, homossexualidade, paixões tirânicas ou não naturais, suicídio, etc.) e os estigmas tribais de raça, religião e grupos sociais, que podem ser repassados por linhagem e “contaminar o outro”.

Assim sendo, as trans carregam consigo os três estigmas explicitados por Goffman, visto que elas “deformam” e “transformam” seus corpos, estabelecem relações homossexuais compreendidas como sexualidade “não natural” e carregam consigo o estigma trans, vivenciado não somente por ela, mas também por qualquer indivíduo que estabeleça relações com esses sujeitos. Neste sentido, é necessário frisar as experiências de campo, onde por inúmeras vezes, principalmente em locais de fluxo intenso, o pesquisador sentiu na pele os olhares recriminatórios, de aversão e de invisibilidade de presença, por estar do lado de uma trans.

Breton (2011) colabora no entendimento das classificações realizadas ao cruzarmos com outras pessoas:

A informação percebida pelo sentido é, portanto, também conotativa, ela informa à sua maneira sobre a intimidade real ou suposta do sujeito que as emite. A vida cotidiana é assim revestida pelas qualificações que nós atribuímos às pessoas pelas quais nós cruzamos. Um halo emocional atravessa todas as trocas e apoia-se nas entonações de voz, na qualidade da presença, nas maneiras de ser, nas encenações da aparência etc. (BRETON, 2011, p. 157)

Helio Silva (1993, p.82) afirma que inserir as travestis no convívio social, dialogar com elas, recebê-las em nossa residência é “inscrevê-los no circuito do humano, retirá-los da vitrine viária, da terra encantada onde florescem fadas e monstros, para situá-los no contexto de onde pode emergir o

sentido e o afeto”. O preconceito advindo do corpo trans modificado pelas biotecnologias, demonstra a ambiguidade e o falso moralismo nas classificações realizadas dos corpos. Na atualidade são visíveis as inúmeras modificações corporais que homens e mulheres realizam, como por exemplo, o grande índice de cirurgias plásticas efetuadas no Brasil. No entanto, se determinada transformação é realizada por um grupo subordinado e sem poder, ele é muito discriminado (ESQUIVEL e SANT’ANNA, 2008).

As exclusões sofridas pelas trans também revelam as facetas de poder instauradas socialmente tão analisadas por Foucault (2011). O sujeito trans, ao se utilizar das técnicas médicas para transformar o seu corpo, permite que seu ato seja interpretado como uma subversão à ordem dos sexos e dos corpos, proporcionando prazer para si. Foucault afirma que o prazer e o poder utilizam-se um do outro para se difundir em nossa sociedade: “Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo” (FOUCAULT, 2011, p. 52-53). É a estas relações que o ato de travestir das trans obedece e comunica.

Talvez, esta reflexão de Foucault, bem represente as questões levantadas por nossos sujeitos de pesquisa:

De certa forma, é o corpo que faz a lei para o corpo. Contudo, a alma tem seu papel a desempenhar, e os médicos a fazem intervir: pois é ela que incessantemente se arrisca a levar o corpo além da sua mecânica própria e de suas necessidades elementares; é ela que incita a escolher momentos que não são apropriados, a agir em circunstâncias suspeitas, a contrariar as disposições naturais. (FOUCAULT, 2009, p. 136).

Em síntese, o que a relação entre o corpo trans e o preconceito demonstram é a dificuldade social em lidar com a diferença e com a ambiguidade dos corpos. Sugiro que apesar dos avanços em políticas públicas, ainda existe um longo caminho para a obtenção da cidadania plena para travestis e transexuais. A educação pode ser uma forte aliada no combate ao preconceito e na obtenção de outro tipo de ocupação profissional para as trans, além da prostituição. Porém, os discursos religiosos fabricantes de opinião, dificultam a construção de valores progressistas. O que as trans demonstram é que os corpos e os gêneros são construídos e interiorizados pelos indivíduos. Que esse processo é influenciado por valores sociais, morais e avanços tecnológicos. O que esses sujeitos deixam em evidência são as possibilidades das técnicas médicas contemporâneas na criação de novos “tipos” e “sentidos” para os corpos e suas representações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O surgimento da burguesia trouxe mudanças importantes à sexualidade no decorrer do século XVIII. O Estado, notando a necessidade de controlar a reprodução das populações criou dispositivos no intuito de docilizar os corpos e a sexualidade. Nesse sentido, as ciências médicas colaboraram na produção de saberes disciplinares, incluindo os conhecimentos sobre travestis e transexuais, que passaram a ser patologizados. A criação do dispositivo da transexualidade elaborou “sintomas” para o “tratamento” do que a medicina nomeou como transtorno de identidade de gênero. O movimento trans, a partir da década de 90, incluiu suas reivindicações nas discussões sobre políticas públicas para *gays* e lésbicas, trazendo reconhecimento à luta por direitos de travestis e transexuais.

A partir dos resultados obtidos na pesquisa é possível afirmar que o corpo e a indumentária são produzidos de acordo com o desenvolvimento da sociedade e da cultura, juntamente com as nossas referências de masculino e feminino. As trans demonstram que o sexo biológico determina apenas uma pequena parte anatômica do corpo. Porém, as definições do que é ser homem e mulher é construído diariamente nas relações sociais.

O que esses personagens evidenciam é que ser homem ou ser mulher não é algo natural, mas um aprendizado que se move ao longo do processo de incorporação dos *habitus*. Todos nós somos apenas reflexos de ideais de masculinos e femininos. Por isso, recaem sobre as trans muitos preconceitos e mitos: elas são figuras questionadoras das associações entre corpo, sexos, roupas, gestos, comportamentos e gêneros.

A utilização da indumentária feminina é uma das primeiras técnicas utilizadas na fabricação do corpo trans. A roupa é utilizada para transformar e criar significados para a corporalidade, ressaltando determinadas partes do corpo e ocultando outras. Portanto, a indumentária também é uma prótese de gênero e colabora na produção das masculinidades e feminilidades. Porém, não existe um único modo de utilização das indumentárias, cada trans a emprega de determinada forma e produz um estilo próprio, utilizando-as nas costuras de si.

As correções corporais realizadas por intermédio de hormônios e silicone são os ritos de passagem de garoto para trans. São eles que atestam a materialidade para a feminilidade. Para as trans, os hormônios, além de construírem a corporalidade feminina, colaboram ainda na produção de uma subjetividade feminina, alterando a estrutura psíquica, os gestos e, sobretudo, impedindo o desenvolvimento de características masculinas.

As trans deste estudo também iniciaram suas transformações com hormônios e silicone ainda na adolescência. O aprendizado destas técnicas ocorreu por meio das trans mais experientes e, apesar de não estarem incluídas no mercado do sexo, muitas das referências e das técnicas de produção de corporalidade são adquiridas ou realizadas com as travestis prostitutas. Portanto, constatamos a necessidade de contato entre os sujeitos para a fabricação das corporalidades.

A produção da corporalidade e feminilidade são realizadas por meio da interiorização das visões de femininos que permeiam a experiência de vida das trans. Assim, não existe um único modo de construir estes atributos, uma vez que eles se constituem através do *habitus* interiorizado pelos sujeitos. Os capitais culturais, econômicos e discursos médicos científicos, auxiliam na produção de tais subjetividades. Conforme demonstrado no desenvolvimento desta dissertação, são eles que colaboram na construção das identidades entre travestis ou transexuais.

A feminilidade das trans não se faz presente apenas no corpo, mas também nos papéis sociais que escolheram desempenhar. Ser mãe-de-santo, babá, professora, costureira e modista é evidenciar o feminino não somente no corpo e em seus atributos, mas também no *habitus* que é expresso nas profissões que historicamente foram relacionadas ao feminino. Os pelos e cabelos como definidores de gênero também colaboram na produção da feminilidade. Deste modo, as trans fazem de tudo para eliminar os pelos, no entanto, os cabelos tomam lugar de destaque.

Por meio dos dados coletados também foi possível notar mudanças no modelo de corpo buscado pelas trans mais novas. Conforme constatado por Duque (2011) e Pelúcio (2007) elas têm deixado as aplicações de silicone nos peitos para o momento em que possam realizá-las em clínicas especializadas. Sugiro que esse fato seja devido aos inúmeros relatos de complicações, inclusive mortes, advindos da utilização de silicone industrial. A maior preocupação com a saúde, também pode ser resultado do maior nível de escolaridade e uma preocupação menor com o modelo de corpo hegemônico como produto a ser comercializado pela indústria do sexo. Assim, as trans entrevistadas neste estudo evidenciam novas configurações para a corporalidade trans.

Portanto, o apoio do ambiente familiar no início das modificações corporais e construção da identidade trans, é um dos aspectos centrais para a não entrada no mercado do sexo. Outro fator de importância é a educação escolar e profissional. Logo, o corpo não ter grande relevância para obtenção de trabalho colabora na construção de outro tipo de subjetividade feminina, menos preocupada com as transformações e mais centrada na obtenção de um corpo transformado saudável, aspecto este recorrente nas entrevistas.

Por meio deste trabalho também foi possível dimensionar a interiorização dos discursos médicos pelas transexuais e o seu maior nível de conhecimento sobre a ciência médica se comparado às travestis. Os diferentes modos de vivenciar a experiência transexual foram notados por meio das divergências entre o discurso médico e o discurso interno do grupo. Assim, não existe um único discurso para representar a transexualidade. A pluralidade existente na fabricação dos corpos também está presente nos modos de pensar e vivenciar a experiência transexual.

Conforme discutido no decorrer desta dissertação, definir as trans seria uma tentativa de enquadramento para sujeitos que rompem exatamente com isso: a verdade dos corpos, dos sexos e dos gêneros. Nesse sentido, concordamos com Bento (2006) ao sugerir que as transexuais buscam a cirurgia de redesignação na busca por uma inteligibilidade social. Assim, o que as trans demonstram em suas trajetórias de vida são as práticas que produzem corpos generificados.

Os corpos das trans são resultado de um grande aprendizado corporal, fruto de uma experiência de um corpo, que percebe o mundo significante, apropriando-se de determinada visão de mundo grupal e de todas as percepções e práticas que fazem parte dele. Este atributo tem foco central na vida destes sujeitos, pois é justamente por meio dele que a sua identidade pode ser reconhecida, criando discursos e sentido às suas vidas.

Ao estabelecerem diálogos com outras trans, por meio das trocas de técnicas de transformação, modos de ser e comportar-se, elas constroem um corpo e uma identidade estigmatizadas socialmente. Identidade esta, que tem no desvio seu principal traço identificatório, o que gera características marginalizadas e exclusão social. Assim, o “grupo” tem a importante função de resignificar sua existência, seu estigma e sua identidade.

Apesar dos avanços em políticas públicas para as trans na última década, refletido no acesso das entrevistadas a outras ocupações além da prostituição, a pesquisa demonstrou que existe um longo caminho para obtenção da cidadania plena e a melhores condições de trabalho. O nome social é o mínimo para a conquista de uma vida melhor e auto-imagem positiva de si no convívio social. Destaco ainda, a necessidade da efetivação das políticas públicas no âmbito escolar para o grupo pesquisado. Além da necessidade de rompermos com a heteronormatividade e as relações entre sexo, corpo e gênero.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla et.all. (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.

ARAUJO JUNIOR, José Carlos de. **A metamorfose encarnada**: travestimento em Londrina (1970-1980). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo. 2006.

BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita**: O corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. Performances de gênero e sexualidade na experiência transexual. In: LOPES, Denilson et. al. (orgs.) **Imagem e diversidade sexual**: Estudos da homocultura. São Paulo: Nojosa, 2004.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção do corpo**: gênero e sexualidade na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006a.

\_\_\_\_\_. Corpos e Próteses: dos Limites Discursivos do Dimorfismo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7. Sexualidades, corporalidades e transgêneros: Narrativas fora da ordem. (ST16), 2006b. Disponível em: <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/B/Berenice\\_Bento\\_16.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/B/Berenice_Bento_16.pdf)>. Último acesso em 05 fevereiro, 2013 às 17:41.

\_\_\_\_\_. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

BERG, Bruce L. **Qualitative Research Methods for the Social Science**. Boston: Allyn and Bacon, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Gosto de classe e estilos de vida. Artigo reproduzido de BOURDIEU, P. ; SAINT-MARTIN, M. Goût de classe et styles de vie. **Actes de la Recherche em Sciences Sociais**, n. 5, p. 18-43, out. 1976. Traduzido por Paula Monteiro.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. In. ORTIZ, Renato (org.). São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. 8ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Marieta (org.). **Usos & abusos da história oral**. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

\_\_\_\_\_. **Escritos de educação**. In. NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs.). 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Dominação Masculina**. 9ªed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2010.

BRETON, David Le. **A sociologia do Corpo**. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima. **Que mulher é essa? Uma encruzilhada identitária entre travestis e transexuais**. Disponível em: <[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/91.%20que%20mulher%20%C9%20essa.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/91.%20que%20mulher%20%C9%20essa.pdf)>. Último acesso em 05 de fevereiro de 2013 às 22:19.

CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n.115, mar./2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000100005&script=sci_arttext)>. Último acesso em 29 janeiro 2013 às 13:22.

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens: Desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes**. São Paulo: Annablume, 2011.

\_\_\_\_\_. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20 (2), maio-agosto de 2012. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/11092012-103822p-489500-duque.pdf>>. Último acesso em 09 de Junho de 2013, às 16: 40.

ESQUIVEL, Talita Gabriela Robles, SANT'ANNA, Antonio Carlos Vargas. Corpo Modificado. In: SEMINARIO INTERNACIONAL FAZENDO GENERO 8. Corpo, Violência e Poder. Disponível em: <[http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST47/Esquivel-SantAnna\\_47.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST47/Esquivel-SantAnna_47.pdf)>. Último acesso em 05 de fevereiro de 2013, às 17:58.

FERREIRA, Vitor. *Be some body*: modificação corporal e plasticidade identitária na sociedade contemporânea. In: Cabral, Manuel; et al. (org). **Itinerários: a investigação nos 25 anos do ICS**. Lisboa-ICS, Imprensa de Ciências Sociais. 2008.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In. LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, Gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. 3ª edição. Petrópolis, RJ, Vozes, 2003

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**, vol. 1 - A Vontade de Saber. 21ª edição. Rio de Janeiro, Graal, 2011.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade**, vol. 3 – O Cuidado de Si. 10ª edição. Rio de Janeiro, Graal, 2009.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 6<sup>a</sup> edição. In. MACHADO, Roberto. (Tradução e org.). Rio de Janeiro: Graal, 1986.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. **Corpo, Gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). 3<sup>a</sup> edição. Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

HARVEY, John. **Homens de Preto**. São Paulo: Edunesp, 2004.

HAVE, Paul T. **Understanding Qualitative Research and Ethnomethodology**. London: Sage, 2004.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas**: a evolução do traje moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 1996

KATZ, Helena. Por uma teoria crítica do corpo. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; CASTILHO, Kathia (org). **Corpo e moda**: por uma compreensão do contemporâneo. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008. p. 69-74.

KULICK, Don. **Travesti**: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2008

LAQUEUR, Thomas W. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3 edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v.19, n.2, maio/ago.2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>> Ultimo acesso em 05 fevereiro 2013, às 16:45.

LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARTINS, Eliecília de Fátima; HOFFMANN, Zara. Os papéis de gênero nos livros didáticos de ciências sociais. **Pesquisa em educação em ciências**. v. 9, n.1, jul. 2007. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/viewFile/124/174>>. Ultimo acesso em 05 fevereiro 2013, às 15:00.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.

MISKOLCI, Richard & PELÚCIO, Larissa. Fora do sujeito e fora do lugar: Reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Gênero**, Niterói, v. 7, n. 2, 1 semestre 2007. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/02112009-124220miskolcipelucio.pdf>>. Último acesso em 09 junho 2013, às 16:50.

OLIVEIRA, Ana Claudia. Visualidade processual da aparência. In: Ana Claudia; CASTILHO, Kathia (org). **Corpo e Moda: por uma compreensão do contemporâneo**. São Paulo: Estação das letras e cores, 2008. p. 93-103.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e modelo preventivo de AIDS**. Tese de doutorado. Universidade Federal de São Carlos, 2007.

PERES, Willian Siqueira. **Subjetividade das Travestis Brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. Tese de doutorado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, Joana Plaza. Conexões Teóricas entre Performatividade, Corpo e Identidades. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502007000100001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502007000100001)>. Último acesso em 05 de fevereiro de 2013.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social: Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 05, nº. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: Educ –Editora da PUC, 1997.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2006.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, v.9, n.1, p. 09-21, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>>. Último acesso em 05 de fevereiro de 2013, às 18:05.

SANT'ANNA, Patrícia. Revista de moda: Masculinidade e a ambigüidade nos anos 90. **Idem**. 2008. Disponível em: <[http://www3.unip.br/servicos/aluno/suporte/nidem/artigos/revistas\\_de\\_moda.asp](http://www3.unip.br/servicos/aluno/suporte/nidem/artigos/revistas_de_moda.asp)> Último acesso em 05 fevereiro de 2013, às 14:55.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. **Cartografias da transexualidade: A experiência escolar e outras tramas**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2010.

SHIMURA, Joyce Mayumi. **Ana, Dulcinéia e Emanuela**: narrativas travestis e discursos científicos sobre a construção de corpos na escola. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Maringá, 2012.

SILVA, Alessandro Soares; BARBOSA, Renato. Diversidade sexual, gênero e exclusão social na produção da consciência política de travestis. **Revista Athenea Digital**, n. 8, outono 2005, p. 27-49

SILVA, Hélio R. S. **Travesti, a invenção do feminino**. Rio de Janeiro, Relumê-Dumará, 1993

SIMÕES, Júlio Assis & FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

TOURTIER-BONAZZI, de Chantal. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Marieta (org.). **Usos & abusos da história oral**. 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.233-245.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **O vôo da beleza**: travestilidade e devir minoritário. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará. 2005

VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Marieta (org.). **Usos & abusos da história oral**. 5. edição. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 33-41.

### Sites consultados

Associação Brasileira de Transgêner@s. Disponível em: <<http://www.abrat.org>>. Último Acesso em 05 de fevereiro de 2013, às 22:37.

Implantes de silicone: saiba como tudo começou, há 50 anos. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120329\\_silicone\\_50\\_anos\\_jp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120329_silicone_50_anos_jp.shtml)>. Último acesso em 05 de fevereiro de 2013, às 22:38

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Disponível em: <[www.ablgbt.org.br/](http://www.ablgbt.org.br/)>. Último acesso em 05 de fevereiro de 2013, às 22:40.

## ANEXOS

### Anexo 1: Roteiro das entrevistas

Nome:

Idade:

Cidade Natal:

Quando você teve consciência que era travesti ou transexual?

Qual foi a primeira transformação corporal? (Há quanto tempo, com quem você aprendeu essas técnicas?)

Você toma hormônios? (Qual/is e há quanto tempo)

Quais as transformações trazidas com a ingestão de hormônios?

Você tem próteses de silicone? (Aonde, há quanto tempo, onde foram realizadas)

Você tem cirurgias plásticas? (Aonde, há quanto tempo e onde foram realizadas)

Qual sensação você tem ao ver seu corpo modificado?

Quais os cuidados que você tem com o seu corpo?

O que você mudaria em seu corpo?

Como você esconde os atributos masculinos do seu corpo?

O que é feminino para você?

Qual a importância das roupas para a construção do seu feminino?

Qual a importância dos hormônios para a construção do seu feminino?

Qual a importância das próteses para a construção do seu feminino?

Qual a sua referência para a construção do seu feminino?

Como você expressa este feminino?

## Anexo 2: Termo de consentimento livre e esclarecido

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada: *Corpos e gêneros: a fabricação da feminilidade das travestis em Maringá (PR)*, que faz parte do Mestrado em Ciências Sociais e é orientada pela professora Doutora Zuleika de Paula Bueno da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O objetivo da pesquisa é compreender a construção do corpo e de feminilidades pelas trans. Para isto a sua participação é muito importante para o alcance deste objetivo, o estudo será realizado por meio da aplicação de uma entrevista semi-estruturada, proporcionando um diálogo aberto entre pesquisador e informante. A sua contribuição viabilizará a redação de uma dissertação. Você não pagará e nem receberá para participar da coleta dos dados ou entrevista. Informamos que poderão ocorrer alguns desconfortos, como por exemplo, relatar experiências pessoais de sua vida, porém, asseguramos a você a possibilidade de não aceitar participar do estudo, ou desistir a qualquer momento, sem nenhum ônus à sua pessoa. Da mesma forma, asseguramos o sigilo e anonimato com relação a seus dados pessoais, que não serão divulgados em qualquer material oriundo desta pesquisa ou apresentação científica da mesma. Informamos ainda que o destino das gravações e das filmagens das entrevistas serão arquivados no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Informamos ainda que o destino das gravações de entrevistas serão arquivados no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.

Os benefícios esperados são conhecer melhor o universo do qual a senhora faz parte, tendo como objetivo desconstruir alguns preconceitos. Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta neste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,.....(nome por extenso do sujeito de pesquisa)  
 declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Prof. Doutora Zuleika de Paula Bueno.

\_\_\_\_\_ Data:.....  
 Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu,.....(nome do pesquisador ou do membro da equipe que aplicou o TCLE), declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

\_\_\_\_\_ Data:.....  
 Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Universidade Estadual de Maringá

Endereço: Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM. Bloco H-12

CEP 87020-900. Maringá – PR. Tel: 3011-8905

E-mail: [zubueno@hotmail.com](mailto:zubueno@hotmail.com)

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444

E-mail: [copep@uem.br](mailto:copep@uem.br)

**Anexo 3: Foto do workshop**

